



**INSTITUTO POLITÉCNICO
DE VIANA DO CASTELO**

Maria Flor Correia Gomes

Arte com Cidadania e Cidadania com Arte

Mestrado em Educação Artística
Área de Especialização em Educação Artística

Trabalho efectuado sob a orientação da
Professora Doutora Maria do Céu Diel

Dezembro de 2010

Ao meu saudoso PAI, pelo orgulho que sentiria hoje.

À minha mãe.

Ao Idílio.

À Rafaela e ao Lucas.

RESUMO

A principal finalidade deste estudo é compreender o papel que um currículo artístico pode desempenhar em termos de Educação Cívica. Os seus objectivos relacionam-se com a compreensão da complexidade da comunicação intrapessoal e interpessoal a partir da exploração de actividades de expressão criativa e do seu contributo em termos de cidadania, respeito humano e afectos. A investigação – acção foi o método utilizado para investigar esses conceitos com vinte e duas crianças de uma turma da Escola EB2,3 de António Feijó em Ponte de Lima, num Projecto intitulado *Pintar a Cidadania*, nas aulas de Educação Cívica, área de Projecto e Educação Visual e Tecnológica (EVT). O Projecto contou com o apoio de uma professora especialista de EVT, com experiência artística na área da Pintura. *Pintar a Cidadania* envolveu a revisão de literatura multicultural e privilegiou a análise da aprendizagem de ser cidadão, a reflexão de conceitos de afectividade, autoconhecimento e relação com o outro. Os dados recolhidos a partir de comentários de crianças, encarregados de educação e professores de todas as áreas disciplinares do conselho de turma permitiram, juntamente com as respostas artísticas das crianças, evidenciar uma forte motivação para o tema em estudo. Verificou-se igualmente a necessidade de continuar a aprofundar projectos futuros sobre valores, atitudes e direitos humanos, apoiados na análise de obras de arte de cinco artistas Europeus, uma vez que a turma aceitou colaborar num Projecto internacional intitulado *Images and Identity*, a decorrer na Escola Superior de Educação de Viana do Castelo em colaboração com outras cinco Instituições Europeias, de Ensino Superior. A metodologia adoptada foi considerada a mais adequada, pois permitiu uma forte interacção adulto/criança, facilitadora de um re – significar permanente da relação professora/crianças alicerçada num elo afectivo de amizade e respeito, que ficou espelhado nas imagens criadas pelas crianças como resultado de tal função detonadora/estimulante do brotar espontâneo das imagens interiores infantis. O resultado final deste projecto foi apresentado numa Exposição de vinte e duas telas na Escola Superior de Educação de Viana do Castelo, no mês de Fevereiro de 2010.

Palavras chave: Cidadania e Educação Artística, Interdisciplinaridade, Valores Humanos, Formação de Professores.

ABSTRACT

The main purpose of this study is to understand the role that an artistic curriculum may perform in proper form of Civic Education. Its goals are connected with the understanding of the complexity of intrapersonal and interpersonal communication from the exploitation of creative expression activities and of its contribution in proper form of citizenship, human respect and affection. The investigation-action was the method used to investigate these concepts with twenty-two children of a class from Escola EB 2, 3 de António Feijó in Ponte de Lima, in a Project named “Pintar a Cidadania” (Painting Citizenship), in the classes of Civic Formation, Project Area and Visual and Technological Education (EVT). The Project counted on the support of a teacher EVT expert, with artistic experience in the Painting area. Painting Citizenship involved the revision on multicultural literature and privileged the analysis of the learning of how to become a citizen, the reflection of affectivity concepts, self-knowledge and relation with the other. The obtained data from the children’s comments, from their parents’ and from the teachers’ of every subjects and areas allowed, together with the children’s’ artistic answers, to evince a strong motivation towards the theme in study. It was also proved the need of continuing to delve deeply into future projects about values, attitudes and Human Rights, based on the analysis of five European artists’ masterpieces, seeing that the class accepted to collaborate in an International Project named “Images and Identity”, which is occurring at Escola Superior de Educação de Viana do Castelo in cooperation with five other European Institutions of Higher Education. The methodology which was adopted was considerate the most appropriate, because it allowed a strong interaction adult/ child, which promoted a permanent re-meaning of the teacher/ children relationship based on an affective bond of friendship and respect, which was obvious on the pictures created by the children as an outcome of such detonator/ stimulating function of the spontaneous sprout of the childhood interior images. The final result of this project was presented at an exhibition of twenty-two painter’s canvas at Escola Superior de Educação de Viana do Castelo, in February 2010.

Key- words: Citizenship and Artistic Education, Interdisciplinary, Human Values, Teachers’ Training

Agradeço:

Em especial, à minha orientadora, Professora Doutora Maria do Céu Diel, o incentivo, lucidez e simpatia com que me acompanhou neste trabalho.

Aos alunos, professores e Encarregados de Educação, pela colaboração e receptividade ao longo de todo o estudo.

Ao Director do Agrupamento de Escolas de António Feijó, de Ponte de Lima, pela permissão deste estudo na Escola sede do Agrupamento.

Aos colegas e professores do Curso “ Mestrado em Educação Artística.”

Às professoras: Fátima Pinto e Luísa Domingues, na tradução do resumo e formatação da tese.

A preciosa colaboração de todos que disponibilizaram parte do seu tempo para a leitura deste estudo.

A toda a família, pelo apoio que me proporcionaram ao longo deste período.

ÍNDICE

RESUMO	ii
ABSTRACT	iii
1. INTRODUÇÃO	1
1.1. Declaração do Problema.....	4
1.2. Finalidades da Investigação.....	6
1.3. Questões chave.....	8
1.4. Palavras-chave:	8
2. REVISÃO DA LITERATURA.....	9
2.1. Introdução.....	9
2.2. Cidadania e Educação Artística	9
2.3. Conceito de Cidadania.....	11
2.4. Interdisciplinaridade	19
2.5. Valores Humanos	20
2.6. Formação de Professores.....	25
3. DESENHO DA PESQUISA.....	28
3.1. Introdução.....	28
3.2. Escolha do Método de Investigação	33
3.3. Caracterização do Estudo de Caso.....	34
3.4. Contexto e Amostra	36
3.5. Instrumentos de recolha de dados	38
3.6. Questões éticas	44
3.7. Plano de Acção.....	46
4. ANÁLISE DE DADOS	47
4.1. Introdução.....	47

4.2. Pinturas dos alunos	48
4.3. Tela pintada pelos professores com desenhos dos alunos	71
4.4. Avaliação	72
5. CONCLUSÃO	75
6. BIBLIOGRAFIA	79
7. ANEXOS	82
ANEXO 0: POSTER DA UNICEF, “CONHECE OS TEUS DIREITOS”	83
ANEXO I: PEDIDO DE AUTORIZAÇÃO AOS ENCARREGADOS DE EDUCAÇÃO PARA PUBLICAÇÃO DE FOTOGRAFIAS DOS ALUNOS	84
ANEXO II: IMAGENS DOS ARTISTAS NACIONAIS E INTERNACIONAIS APRESENTADAS AOS ALUNOS, PARA CONHECIMENTO E INSPIRAÇÃO AO SEU TRABALHO	85
ANEXO III: OPINIÕES DE ALGUNS ENCARREGADOS DE EDUCAÇÃO SOBRE O PROJECTO	91
ANEXO IV: OPINIÕES DE ALGUNS PROFESSORES DO CONSELHO DE TURMA SOBRE O PROJECTO	97
ANEXO V: IMAGENS CRIADAS PELOS ALUNOS SOBRE A SUA IDENTIDADE	101

ÍNDICE DE FIGURAS

Figura 1- A turma e as professoras, com os sacos para o lar de idosos	31
Figura 2- A turma a cantar aos idosos	31
Figura 3- Pequeno grupo com os idosos.....	32
Figura 4- Idosos com os presentes	32
Figura 5- Idosos a abrir os presentes.....	32
Figura 6- Idosos com os presentes	32
Figura 7- Uma parte da Exposição.....	43
Figura 8- A turma a cantar na inauguração da exposição	43
Figura 9- Pintura - “Harmonia”, aluno A	48
Figura 10- Pintura – “Harmonia”, aluno B.....	49
Figura 11- Pintura – “Amor”, aluno C	50
Figura 12- Pintura “Amizade”, aluno D	51
Figura 13- Pintura “Obediência”, aluno E	52
Figura 14- Pintura “Alegria”, aluno F	53
Figura 15- Pintura “Calma”, aluno G	54
Figura 16- Pintura “Calma”, aluno H	55

Figura 17- Pintura “União entre os povos”, aluno I	56
Figura 18- Pintura “Amor”, aluno J	57
Figura 19- Pintura “Solidariedade”, aluno L.....	58
Figura 20- Pintura “Paz”, aluno M	59
Figura 21- Pintura “Fraternidade”, aluno N.....	60
Figura 22- Pintura “Solidariedade”, aluno O.....	61
Figura 23- Pintura “União”, aluno P.....	62
Figura 24- Pintura “Paz”, aluno Q	63
Figura 25- Pintura “Amor”, aluno R	64
Figura 26- Pintura “Respeito”, aluno S.....	65
Figura 27- Pintura “Ajudar”, aluno T com NEE	66
Figura 28- Pintura “União”, aluno U	68
Figura 29- Pintura “Alegria”, aluno V.....	69
Figura 30- Pintura “Amor”, aluno X	70
Figura 31- Pintura “Todos Unidos”, professores do Conselho de turma	71

1. INTRODUÇÃO

Observo que se fala muito de cidadania nos média, na política, nas escolas, nas instituições, porém, em contrapartida, constata-se que as crianças são cada vez mais indelicadas, violentas, pouco democráticas e intolerantes. As publicidades são carregadas de mensagens que incentivam o egoísmo em que o objectivo principal é a obtenção do prazer imediato, ultrapassando os valores de respeito pelos mais velhos, ultrapassando os limites do respeito pela natureza através do consumo exagerado, ultrapassando os limites do respeito pelo cidadão comum, onde se apela exageradamente à obtenção de empréstimos, apelos à moda, provocadores de problemas de saúde. Estas mensagens que passam têm efectivamente um poder muito elevado, que fica gravado no subconsciente humano e que, inconscientemente, crianças e adultos vivem sem se dar conta como se fossem procedimentos ou regras normais para a vida em sociedade sem se dar conta. Muitas vezes apercebemo-nos que compramos produtos que, na verdade, não têm interesse, nem são indispensáveis, mas ao passar na prateleira do supermercado automaticamente os produtos são colocados no carrinho de compras, num processo mecânico, pois não vemos sua utilidade, mas sim a imagem que foi vendida e que educou a nossa memória social. Claro que os adultos com maturidade e formação podem discernir o conteúdo das mensagens e fazer a sua filtragem, mas as crianças não têm maturidade para este discernimento e a interpretação que fazem, é de que tudo o que vêem é o melhor e o exemplo a seguir. É necessário então e indispensável na educação, estudar os efeitos das imagens não só pelos efeitos do que os espectadores dizem delas, mas também das emoções que mostram e o conjunto das suas manifestações não verbais. (TISSERON, S. 2004, p.25)

As crianças manifestam poucas referências no que diz respeito à Cidadania e a atitudes de afecto. Cada vez mais as crianças crescem sem a presença dos pais, devido aos compromissos profissionais destes. Cada vez mais cedo, as crianças são entregues nas creches para crescer num ambiente

social e não em ambiente familiar, obrigadas a aprender rapidamente outras normas de conduta, saltando esta fase do seu desenvolvimento saudável. Segundo (TIBA, 2002, p.177) Antes considerava-se o desenvolvimento infantil em três etapas, 1. a socialização elementar, quando a criança aprendia a reconhecer e a educar as suas necessidades fisiológicas, até aos dois anos; 2. a socialização familiar, quando se aprendia a conviver com o pai, com a mãe, com os irmãos, avós e com os outros membros da família, até aos cinco ou seis anos; 3. a socialização comunitária que era a partir do momento em que começava a vida escolar. Actualmente, as crianças iniciam o contacto social muito precocemente, não tendo ainda feito a socialização familiar, o que provoca uma mistura do ambiente familiar com o ambiente comunitário. As crianças manifestam dificuldade em estabelecer limites claros entre a família e a escola, especialmente quando alguns pais delegam na escola a educação dos filhos.

Acredito, pelas experiências efectuadas, que as aulas de Educação Visual e Tecnológica poderiam ajudar os alunos a verbalizar sentimentos através do processo criativo e criando imagens para se expressar. Segundo o programa desta disciplina pode-se ler, “situada como ponte entre os 1º e 3º ciclos do ensino básico, cabe à Educação Visual e Tecnológica estabelecer a transição entre os valores e as atitudes que se pretende promover ao longo de toda a escolaridade obrigatória”. Ainda seguindo o programa, a Educação Visual e Tecnológica esta disciplina deve promover, a articulação dos aspectos históricos, físicos, sociais, económicos, de cada situação estudada, com a compreensão, a criação e a intervenção nos domínios da tecnologia e da estética através de um processo integrado em que a reflexão sobre as operações e a compreensão dos fenómenos são motores da criatividade.

Tudo isto se vai desenvolver essencialmente a partir da acção onde fantasia e a liberdade de expressão, tão importantes nesta fase etária, estão sempre presentes.

Através de estudos realizados pelos alunos estagiários de Educação Visual e Tecnológica da Escola Superior de Viana do Castelo, constatou-se que quando as crianças foram confrontadas com temas de cidadania, ficaram mais sensíveis aos problemas da violência, da guerra, da necessidade da

existência de Paz no mundo, do racismo, da necessidade da partilha, da gratidão. Esta experiência permitiu que ficassem assim mais despertos para estas problemáticas. Isto pode significar que, apesar de apelos nos média para respeito à natureza, reciclagem de materiais e respeito ao ser humano, a Arte poderia ser uma melhor e eficiente forma de sensibilizar as crianças para os problemas da actualidade.

Verifiquei também que os média bombardeiam imagens, através de notícias, filmes, jogos, publicidade e usam imagens carregadas de violência e que estas são pouco aproveitadas pelos professores de EVT, para sensibilizar os alunos para problemas sociais através das práticas artísticas, ao contrário daquilo que, por vezes, elas transmitem, dando-lhes novas leituras. Usar estas imagens na sala de aula e fazer a sua leitura em grupo poderá ser útil e produtivo, uma vez que ouvindo várias interpretações diferentes se podem esclarecer dúvidas individuais e ajudar a mudar comportamentos utilizados por más interpretações, ou modas.

Para (SOARES, 2010, p.115) *“No quotidiano das pessoas que constituem as famílias, as escolas e as comunidades existe, apesar de aparentes diálogos, uma tendência para acentuar os silêncios, inibidores da construção de caminhos em conjunto, de espaços de entendimento e, muitas vezes, responsáveis por inúmeros insucessos.”* Para contrariar estas tendências, é meu objectivo intervir, pois considero que a cidadania é também o espelho de uma educação de afectos, englobando os afectos na família, (afectos) na escola, (afectos) com os amigos. Estes afectos têm de ser bem diferenciados, pois os afectos da escola nunca substituirão os afectos da família, e vice versa. Neste projecto pretendo mostrar o envolvimento com os meus alunos, toda a carga emotiva, toda a cumplicidade emocional, a construção de afectos que decorre no trabalho de Artes e no trabalho com os adolescentes. Ou seja, acredito que sem afectividade não existe a cognição.

Então, ao longo deste estudo, procuro demonstrar, através dos resultados da investigação acção realizada com uma turma de alunos do quinto ano de escolaridade, que as crianças são receptivas à arte e aprendem facilmente a viver de acordo com os valores aprendidos, assimilando assim os

conceitos de arte e cidadania em conjunto. Valores humanos e afectos puderam ser apreendidos e figurados no mundo imaginário.

1.1. Declaração do Problema

Constatando que cada vez mais é necessário educar para os valores humanos e estar preparados para este tema, percebo também, pela minha experiência profissional, que é necessário que se faça formação nas áreas curriculares não disciplinares, de modo a que estas disciplinas passem a ter um rumo e não sejam dadas simplesmente como apoio às outras disciplinas sem um sentido. É preocupante verificar que há professores do Ensino Básico que se sentem desmotivados para a leccionação de conceitos ligados à cidadania e da importância que estes têm para o desenvolvimento integral das crianças, talvez pelo facto da própria sociedade se ter desenvolvido de forma menos cívica e haver agora um descrédito na Educação.

A Educação da Cidadania parte sempre do bom senso do educador. Para se ensinar a ser bom cidadão não basta “*gastar saliva*” a falar, mas é necessário ser bom cidadão, dar exemplo de vida e ser um bom exemplo para os alunos. Diz-nos (FREINET, 1978, p.89), que “*Desconfia da saliva*”, pelo facto de nos querer mostrar que saliva e trabalho são antinómicos. Para o autor, quem fala muito é “mesquinho” no trabalho e aquele que trabalha é “mesquinho” nas palavras. Na opinião do autor, é necessário sempre o meio-termo, a partilha de informação e a prática. Dar lições, marcar deveres, corrigir, perguntar e responder sem deixar respirar, pode ser considerada uma tara aos olhos de (FREINET, 1978, p.90) que é de opinião que na escola se deve conservar a ordem, a autoridade e dignidade. Deve haver uma ordem que resulte de uma melhor organização do trabalho, a disciplina que se torna uma solução de uma cooperação na sociedade escolar. Em primeiro lugar, deve aparecer a autoridade moral e depois a técnica e humana, que se consegue, não com castigos, mas pelo domínio que leva ao respeito e pela dignidade do educador que não se concebe sem o respeito pela dignidade das crianças.

As famílias também são um pilar essencial neste tipo de educação. Quando conheci as Escolas de Reggio Emilia, através do livro “As Cem Linguagens da Criança”, fiquei fascinada com o envolvimento das famílias na escola e como este envolvimento arrasta benefícios para toda a comunidade educativa. Depois da segunda guerra mundial em Villa Cella, a poucas milhas de Reggio Emilia no nordeste da Itália, as pessoas decidiram construir e operar uma escola para crianças pequenas. Segundo, (MALAGUZZI, 1999, p.59) afirma que *“Corri até lá de bicicleta e descobri que tudo aquilo era verdade”*. Loris Malaguzzi viu mulheres a recolher e a lavar tijolos. Todas as pessoas estavam empenhadas e tinham reunido e decidido que o dinheiro para a construção viria da venda de um tanque de guerra abandonado, camiões e alguns cavalos deixados na retirada dos alemães. A mão-de-obra era deles durante as noites e domingos em voluntariado. Os pais colaboram, os pais querem o melhor para os seus filhos, por vezes a escola é que coloca alguns entraves ou inibições para a sua participação.

A participação das famílias é fundamental, mas exige muitos ajustes por parte de todos. Ainda para (MALAGUZZI, 1999, p.80) *“ os professores devem ter o hábito de questionar suas certezas, devem assumir um estilo crítico em relação às pesquisas e um conhecimento continuamente actualizado sobre as crianças, devem manter uma avaliação enriquecida do papel dos pais, e devem possuir habilidades para falar, ouvir e aprender com estes”*. Responder a todas essas demandas exige dos educadores um questionamento constante sobre o seu ensino, devendo deixar para trás o modo isolado e silencioso de trabalhar que não deixa traços. Ao contrário devem descobrir modos de comunicar e documentar as experiencias crescentes das crianças na escola, devendo preparar um fluxo constante de informações de qualidade, voltado aos pais, mas também apreciado pelas crianças e pelos professores. Este fluxo de documentação, acreditamos, apresenta aos pais uma qualidade de conhecimento que muda tangivelmente suas expectativas. Eles reexaminam suas suposições sobre seus papéis como pais e suas visões sobre a experiencia vivida por seus filhos e assumem uma abordagem nova e mais crítica com toda a experiencia escolar.

Esta visão de Loris Malaguzzi é uma teoria em que acredito e que partilho, por algumas experiências que tenho realizado na minha prática profissional com os meus alunos e pais. Considero esta partilha e esta comunicação com todos um acto de cidadania e de valores. Além do mais, as crianças percebem que os seus pais estão à vontade na escola, com os professores e estão sempre ao corrente do que aconteceu e do que irá acontecer, mantendo-se assim crianças muito mais responsáveis. Por outro lado, havendo esta partilha e estes diálogos, os pais e crianças percebem melhor o quanto os professores trabalham e se esforçam pelo bem das crianças.

Com as minhas constatações, surge a necessidade de mudar este modo de agir e este modo de pensar negativo actual, e partir para novas práticas. Segundo este raciocínio, surgem questões que se põem, no sentido de como trabalhar com os alunos: - Como abordar o tema Cidadania às crianças? Como preparar crianças responsáveis, com atitudes cidadãs e criativas para o futuro? Como se poderá motivar as crianças para o trabalho de projecto? Que fazer para ter os Encarregados de Educação a participar no desenvolvimento do projecto, visto que a Cidadania pertence à escola e à família? Como motivar professores e incentivá-los para novas práticas?

1.2. Finalidades da Investigação

Com este trabalho foi minha pretensão investigar como se podem promover, nas crianças do 5º ano, conhecimentos e atitudes de cidadania através das aulas de Educação Visual e Tecnológica e Formação Cívica, e se conseguem representar a Cidadania através de um desenho/pintura inspirados em artistas nacionais e internacionais. Pretendi também usar a auto reflexão e auto-crítica com a elaboração do auto-retrato em desenho (ANEXO V).

Ao longo destes últimos anos, a área de Educação Visual e Tecnológica da Escola Superior de Educação de Viana do Castelo (ESEVC), que é uma Escola de Formação de Professores, tem tido a preocupação de preparar

professores para a leccionação da Área Curricular não disciplinar “Formação Cívica”, ao nível dos 1º e 2º ciclo. (Moura, 2009, p.128)

A mesma Instituição iniciou em 2008 a colaboração num projecto Internacional intitulado “Imagens e Identidade”, proposto pelo Centro de Pós-Graduação da Universidade de Roehampton, Londres, envolvendo seis países no total. Os dois primeiros ciclos de acção do projecto já estão concluídos e o terceiro ciclo irá consistir na preparação de materiais curriculares e sua divulgação numa base de dados internacional.

Tendo eu participado numa reunião internacional onde foram apresentados pelas docentes de Londres, Fiona Collins e Susan Ogier, os seus projectos relacionados com Imagens e Identidade, resolvi aceitar o convite da Coordenadora Nacional para colaborar no terceiro ciclo desta investigação - acção.

Tratou-se para mim de um desafio, pois por um lado já estava envolvida neste tema, no meu contexto escolar, e por outro lado isto ia permitir-me realizar, no futuro, intercâmbio no âmbito da investigação entre alunos e professores portugueses com os congéneres da equipa de Londres

Com este estudo, pretendo explorar possíveis estratégias e recursos que podem ser utilizados para desenvolver o conceito de cidadania, identidade e valores humanos, através da análise de imagens de obras de arte de artistas nacionais e internacionais, a crianças de uma turma de 2º ciclo de Ensino Básico numa escola do Norte de Portugal.

Pretendo também reflectir sobre as opiniões das crianças, dos Encarregados de Educação e dos Professores do Conselho de Turma, ao longo e após a conclusão do projecto, assim como pretendo que este exemplo prático em sala de aula seja motivador para outros professores e possam, com este exemplo, criar outros projectos inovadores.

1.3. Questões chave

- Como melhorar o “Educar para a Cidadania, através da arte?”
- Que vantagens se encontram no ensino da Cidadania através da Arte?
- Que vantagens se encontram no ensino da Arte através da Cidadania?
- Que experiências têm sido feitas nestas áreas?

1.4. Palavras-chave:

Cidadania e Educação Artística, Interdisciplinaridade, Valores Humanos, Formação de Professores.

2. REVISÃO DA LITERATURA

2.1. Introdução

Neste capítulo, pretendo apresentar o estudo aprofundado e efectuado sobre as palavras-chave do trabalho. Entendo que Cidadania e Valores humanos são os conceitos mais indicados para trabalhar e aprofundar no trabalho de projecto e estudo de caso com os meus alunos.

2.2. Cidadania e Educação Artística

Na última década, assistiu-se a uma tomada de consciência crescente sobre as implicações da responsabilidade de ser cidadão. Conscientes desta responsabilidade estão várias organizações internacionais, que têm apresentado aos governos e à opinião pública propostas para desenvolver o conceito de educação para a cidadania, enumerando os valores que a devem sustentar e sugerindo ideias educativas.

Todos vemos alguns sinais de crise patentes no funcionamento das sociedades ocidentais. Estes mesmos sinais de crise fizeram com que as questões, relativas ao exercício da cidadania, estejam hoje na linha da frente das preocupações de educadores e políticos portugueses e europeus em geral. Entre esses sinais de crise, sublinhamos as violências quotidianas que marcam este virar de século; o "eclipse progressivo" da família que abriu um vazio neste domínio da educação; a intolerância; a pobreza de linguagem e de estética, o indiferentismo em relação aos valores, mesmo até à democracia; enfim, um certo défice cívico que parece grassar entre as gerações mais novas.

E as gerações mais adultas, serão elas capazes de construir verdadeiras comunidades de cidadãos? Fica a questão e o comentário: os mais novos aprendem com os mais velhos.

OLIVEIRA, apresenta-nos uma proposta inteligente. “As cidades devem reflectir e emanação do intelecto e reproduzir este equilíbrio, vivendo em sociedades e cooperando para a felicidade da cidade.” Prossegue ainda “Os benefícios da cidade bem governada emanam para o mundo ultra-terreno, e correlativamente, os penosos tormentos que atingem os habitantes das sociedades perversas e cruéis criam uma cidade má, a cidade ignorante. Os habitantes desta cidade má, não gozam de facto a existência, e nem suspeitam que exista a felicidade. Se porventura se vêem de frente à feliz ideia de existência, não a compreendem nem acreditam. Na cidade ignorante, predominam a depravação e a baixeza, cujos habitantes se dedicam a gozar prazeres... é também uma cidade que privilegia as conquistas e os títulos, enchendo-se e vangloriando-se de feitos vãos.”

Questiono-me: que motivações estão realmente por detrás da necessidade e da vontade de promover uma educação para a cidadania, nomeadamente no meio escolar? Os sinais de crise, alguns falam já em crise civilizacional que levemente refiro e que testemunham bem o fracasso da aprendizagem da cidadania na sua forma actual, impondo um balanço sério sobre as formas adoptadas para essa aprendizagem, nomeadamente na escola.

Não é, de estranhar que a escola se mostre entre os mais preocupados com esta temática. Isto por dois motivos essenciais: primeiro, a escola parece esforçar-se por colmatar o vazio aberto pelo "eclipse progressivo" da família nesta matéria. A família e os pais têm vindo a desistir das suas responsabilidades para com os mais novos, renunciam à transmissão do muito ou pouco que sabem em favor de um ensino supostamente científico, deixam de se encontrar com os mais novos na esfera da partilha de tarefas e responsabilidades sociais e cívicas, desistem da tarefa de formar a consciência cívica das crianças, abandonando-as aos professores: segundo, a escola deve estabelecer os parâmetros da relação entre o sujeito e os outros, suscitando a aprendizagem de valores, normas e regras de conduta com vista à inserção dos alunos na vida comunitária. Suscitando a aprendizagem e, também e sobretudo, a vivência... De facto, a escola deverá, toda ela, constituir uma

comunidade capaz de reproduzir as condições da vida social e onde o aluno aprenderia a viver em sociedade...vivendo.

Como que receando uma "crise civilizacional", os estados democráticos defendem a necessidade urgente de promover uma educação para a vida pública, único meio ao seu alcance para combater alguns sinais menos positivos, notórios entre as gerações mais novas.

Educar cidadãos ou educar para a cidadania será, então, o quê?

É descobrir e estreitar os laços que nos ligam à comunidade, formada pelo conjunto das comunidades a que pertencemos e que, entre si se complementam. E esses laços, essas pertenças, identificam-se com o reconhecimento de uma lei, o ideal da liberdade, o direito à diferença, a necessidade de racionalizar as opções, os fundamentos da aprovação e da condenação.

Cada momento da experiência que nos confronta com qualquer destes constituintes é um momento que moraliza a experiência; e cada momento ético é um momento que cria a comunidade. Suscitar estas experiências é educar para a cidadania.

2.3. Conceito de Cidadania

Na Grécia antiga, a noção de cidadania estava ligada à comunidade de cidadãos e ao corpo de leis que os regiam. Os cidadãos eram cerca de 10% da população da cidade e diferenciavam-se dos não-cidadãos: as mulheres, os escravos, os metecos e os estrangeiros.

Em Roma, a qualidade de cidadão foi sendo outorgada a um crescente número de pessoas, mas, na realidade, era uma aristocracia política que dominava.

No final da Idade Média, no seio das cidades, das comunas, das corporações e das universidades, reanimaram-se os princípios de associação, de representação e das liberdades e franquias cívicas e pessoais. Porém, a noção de cidadania só ressurgiu vigorosamente com a Revolução Inglesa de 1688, a Revolução Americana (1774-76) e, sobretudo, com a Revolução

Francesa (1789), desencadeando o conceito moderno de cidadania. A afirmação da vontade popular, a Declaração dos Direitos do Homem e do Cidadão (1789), a identificação da soberania popular com a universalidade dos cidadãos franceses, a formação do Estado-nação, constituem os fundamentos do conceito moderno de cidadania.

Todo este contributo humano e universal foi retomado e reformulado em 1948, pela ONU, na Declaração Universal dos Direitos Humanos. O sistema democrático, que progressivamente se afirmou como a forma de governação universalmente desejável, funda-se nos princípios da cidadania nela consignados, ou seja, a soberania da Nação e da Lei, a igualdade de todos os cidadãos: "os homens nascem e permanecem livres e iguais em direitos". O conceito de cidadania foi evoluindo conforme evoluiu o conceito da dignidade da pessoa humana.

Até aos finais do século XX, o património reclamado dos direitos humanos foi sendo enriquecido: aos direitos individuais, cívicos e políticos, vieram juntar-se os direitos de natureza social, económica e cultural. E, por último, os chamados direitos das gerações futuras ao ambiente, à paz, ao desenvolvimento sustentável, exprimem uma crescente consciência da unidade da terra e do género humano, do nosso destino comum, nas palavras de Edgar Morin.

Na actualidade, o conceito de cidadania tem de ser considerado no contexto mundial em que "da nova ordem internacional, sabemos apenas que acabou a antiga", como diz Adriano Moreira. Tradicionalmente, o vínculo da cidadania reportava-se exclusivamente à identidade nacional. Porém, a cidadania apresenta hoje novos contornos, desenhados tanto no interior do próprio espaço nacional, como alargados a novos espaços que lhe são exteriores.

Destaca-se a intervenção em torno dos problemas locais concretos, a União Europeia, a Comunidade dos Países de Língua Portuguesa (CPLP), a cidadania da aldeia global. É no contexto destas múltiplas pertenças que se define o novo paradigma de cidadania: uma cidadania inclusiva que parte da referência nacional e se amplia, em círculos alargados à dimensão da Terra e da Humanidade. Este contexto mundial caracteriza-se por um ritmo crescente

das democracias e, ao mesmo tempo, por uma crescente crítica das instituições democráticas; pela mundialização das economias e da informação, que determina as nossas sociedades; por ser o tempo da especialização cognitiva; por ser um tempo de globalização e, ironicamente, de desigualdades crescentes.

O contexto mundial actual caracteriza-se também, sem dúvida alguma, por uma crise da cidadania. De facto, há factores que contribuem para o declínio do espírito de responsabilidade colectiva, com reflexos nos vínculos da cidadania: o individualismo, o enfraquecimento dos valores de referência tradicionais, a prática da corrupção, as elevadas taxas de absentismo nos processos eleitorais, a fraude fiscal, o desinteresse pela vida política, as manifestações cada vez mais frequentes de falta de civismo (entendido como respeito pelas regras da vida comunitária). Ameaçam igualmente a coesão social e a ordem pública, os comportamentos ditados pela intolerância, como o racismo e a xenofobia. Outro factor influente é a acção dos meios de comunicação que, sob a pressão dos índices de audiência, não estimulam a autonomia crítica dos públicos e são levados a manipular informações e valores, estabelecendo, em tempo imediato, opiniões feitas. Cabe, então, reencontrar um sentido reforçado e uma prática renovada de cidadania.

Hoje, é universalmente reconhecido que, se este desafio interpela as sociedades, no seu conjunto, grande parte desta missão cabe à Educação, como instância promotora de uma consciência ética e cívica nas novas gerações. Concluindo, o que é, então, a cidadania?

“A cidadania é responsabilidade perante nós e perante os outros, consciência de deveres e de direitos, impulso para a solidariedade e para a participação, é sentido de comunidade e de partilha, é insatisfação perante o que é injusto ou o que está mal, é vontade de aperfeiçoar, de servir, é espírito de inovação, de audácia, de risco, é pensamento que age e acção que se pensa.” Jorge Sampaio

Analisando esta definição de Jorge Sampaio¹, considero que cada vez mais há necessidade de preparar os nossos jovens para a sociedade do presente e do futuro. Vivemos numa era de grandes transformações, recheada de antagonismos, que por vezes confunde os jovens e lhes transmite

mensagens de tal forma fortes que são interpretadas erradamente. Esta é uma era que caminha para uma totalidade capitalista, onde tudo tende para o consumo e não chegam só as boas intenções de fazer, e as palavras bonitas, mas é preciso por em prática aquilo que se diz.

Cada vez mais é importante educar para os valores. Concordo com (MARQUES, R. 2008), quando nos diz que não há educação sem valores, uma vez que para este autor, a educação é um processo de criação e de transmissão de valores. Professores e educadores, quer queiram quer não, são sempre exemplos morais para os seus alunos. Tendo isto sempre presente no meu modo de agir e de ser, e acreditando que é um caminho a seguir, pretendo com este projecto que os meus alunos saiam enriquecidos em conhecimentos e vivências de valores.

Se acreditarmos que a Modernidade cumpriu as suas premissas, acreditaremos que isto implicaria a procura e a construção do conhecimento sejam valores fundamentais, tanto para o aluno como para o docente quando buscam afirmar a identidade. (ANDRÉ, 2010, p.54) Para a mesma autora, é importante que a Educação compreenda que as artes são áreas do saber e disciplinas com questões e metodologias. Deste modo, no domínio da Educação Artística poderão ser realizadas experiências e práticas muito diferenciadas, contribuindo para uma verdadeira educação para a cidadania, entendida como um exercício compartilhado, democrático e que considera a diversidade.

Para MALAGUZZI as crianças devem sempre ser estimuladas a criar por quem as acompanha. Este autor escreveu as “Cem linguagens da criança” que passo a escrever:

*“A criança
É feita de cem.
A criança tem
Cem mãos
Cem pensamentos
Cem modos de pensar
De jogar e de falar.
Cem sempre cem*

*modos de escutar
as maravilhas de amar.
Cem alegrias
Para cantar e compreender.
Cem mundos
Para descobrir.
Cem mundos
para inventar.
Cem mundos
Para sonhar.
A criança tem
Cem linguagens
(e depois de cem cem cem)
Mas roubaram-lhe noventa e nove.
A Escola e a cultura
lhe separam a cabeça do corpo.
Dizem-lhe:
de pensar sem as mãos
de fazer sem a cabeça
de escutar e de não falar
de compreender sem alegrias
de amar e maravilhar-se
só na Páscoa e no Natal.
Dizem-lhe:
de descobrir o mundo que já existe
e de cem
roubaram-lhe noventa e nove.
Dizem-lhe:
que o jogo e o trabalho
a realidade e a fantasia
a ciência e a imaginação
o céu e a terra
a razão e o sonho*

*são coisas
que não estão juntas.
Dizem-lhe:
que as cem não existem
A criança diz:
Ao contrário, as cem existem.”*

A leitura deste poema provoca-nos, incita-nos a trocarmos de lugar com o mundo infantil. Quando eu era criança, sentia um prazer imenso de estar em casa e brincar, brincar, brincar. Sonhava, inventava viagens, colocava as minhas coisas em sacas plásticas fingindo que fazia as malas para viajar, despedia-me da minha mãe com beijos dizendo-lhe que voltava em breve, passeava pelo quintal, falava com os animais, passeava o gato no carrinho das bonecas, com os brinquedos montava casinhas, fazia comida com terra e folhas de árvores e grãos de sementes, e era tudo tão bom. Entrei para a escola com seis anos e aí tudo mudou, tudo passou a ser demasiado sério e rigoroso. Já não se podia inventar, tudo tinha de ser verdadeiro e sério.

Qualquer criança não deixa de ser criança aos seis anos; a infância ainda se prolonga até aos dez, o que significa que não deverá haver um corte tão grande na passagem do ensino pré-escolar para o primeiro ciclo. O primeiro ciclo deverá continuar a trabalhar a área das artes, por ser uma área onde as crianças podem exprimir os seus gostos, prazeres, habilidades e frustrações e assim se libertarem de inibições.

A visão sobre a infância, como um período específico pela qual todos passam, é uma construção definida na actualidade. Durante muitos anos e séculos a criança não era vista como um ser em desenvolvimento, com características e necessidades próprias, mas sim como um adulto em miniatura. Do século XII ao século XVIII, ocorreram grandes transformações históricas, onde a infância tomou diferentes conotações dentro do imaginário do homem em todos os aspectos, sendo sociais, culturais, políticos e económicos. Inicialmente a criança era vista como substituível, como um ser produtivo que tinha simplesmente uma função utilitária para a sociedade, pois a partir dos sete anos de idade já era inserida na vida adulta e tornava-se assim

útil na economia familiar, desempenhando tarefas, imitando os seus pais, acompanhando-os nos seus ofícios e cumprindo um papel na colectividade.

No século XVIII, começa a ver-se a educação ou a institucionalização da criança como uma responsabilidade da família. Percebe-se então que os filhos são fruto da possibilidade da ascensão social e os pais percebem que através dos seus filhos há a possibilidade da administração dos bens familiares e também a ampliação dessa possessão. A partir deste contexto moral é que a educação das crianças passa a ser construída, através do posicionamento de moralistas e educadores e, principalmente, com o aparecimento da família nuclear gerada dentro dos padrões do modelo de família conservadora, símbolo da continuidade parental e patriarcal que marca a relação pai, mãe e criança. A preocupação da família com a educação da criança fez com que ocorressem mudanças e os pais começaram então a ocupar-se dos filhos., fortalecendo-se assim os laços entre adultos e crianças.

Para (ROBINSON, 2010, p.22), *“Todos nascemos com poderes extraordinários ao nível da imaginação, da inteligência, da sensibilidade, da intuição, da espiritualidade e do conhecimento físico e sensorial... muitos não encontram o seu Elemento porque não compreendem os seus próprios poderes.”* Para este investigador, todo o ser humano nasce com um grande potencial. Então porque é que este potencial se vai perdendo? Porque se encontram limites na compreensão da forma como essas capacidades se relacionam entre si, e porque se encontram limitações na compreensão do potencial que temos para crescer e para mudar. Para este autor estas limitações podem ser agravadas pelos nossos pares, pela nossa cultura, pelas expectativas em relação a nós próprios, mas a principal causa desse agravamento deve-se à Educação.

Segundo (CORREIA, 2009,), a Educação Artística deve partir de projectos, ou seja, deve-se *“promover a noção de diversidade cultural e de uma cultura baseada na igualdade de direitos e na valorização das diferenças de cada indivíduo, reflectindo sobre preconceitos e comportamentos discriminatórios.”* Segundo esta perspectiva, a Educação artística deverá hoje em dia ser apresentada às crianças e jovens como um projecto a construir e a resolver, com todos os problemas que surgem, e não simplesmente como o

despejar de matéria e de técnicas. A criança ou jovem deverá ser envolvida e motivada a criar e a inovar, assim como deverá ser um membro entre vários membros, ou seja, deverá ser ajudada a trabalhar em equipa, partilhando ideias e reflexões sobre o desenvolvimento do projecto, adquirindo desta forma as competências essenciais para a cidadania.

O programa de Educação Visual e Tecnológica, é deste ponto de vista muito rico, porque permite grande flexibilidade, e nesta perspectiva contribui, conjuntamente com as outras disciplinas e áreas curriculares para o plano da formação pessoal: - a integração da sensibilidade, do pensamento e da acção numa mesma atitude criadora e crítica como base de verdadeira autonomia. No plano da formação social: - a estruturação dos valores, dos interesses, dos comportamentos individuais, em função de uma atitude de abertura crítica, compreensiva e interveniente, e de uma sociedade que democraticamente constrói o futuro, prezando, simultaneamente, as expressões do seu passado e as dos outros povos, como manifestações do poder criador da humanidade.

A Educação Visual e Tecnológica é, portanto, uma disciplina, que parte da realidade prática para o conhecimento teórico, numa perspectiva de integração do trabalho manual e do trabalho intelectual, e que não pretende fazer formação artística nem formação técnica, porque se situa deliberadamente na intersecção desses dois campos da actividade humana.

Verificando estudos realizados pela Escola Superior de Educação de Viana do Castelo, pelo Departamento de Expressões, constata-se que cada vez mais o Ensino Artístico deverá segundo (CORREIA, 2009) “ utilizar uma metodologia de investigação - acção e de estratégias activas de ensino da educação social em que a arte desempenha um papel importante, não apenas na exercitação e na prática de uma linguagem específica, mas também no aprofundamento dos conhecimentos culturais, históricos e sociais dos alunos.”

2.4. Interdisciplinaridade

A escola de hoje deve procurar reflectir no seu Projecto Político Pedagógico, a intenção de desenvolver o currículo de forma integrada, de maneira que os conteúdos, ainda que estejam organizados em disciplinas separadas, sejam abordados por temas nas diversas disciplinas, as quais, por sua vez, devem manter-se articuladas com a intenção de que o conhecimento construído pelos educandos os ajude na análise, interpretação, compreensão e problematização dos factos e dos fenómenos da realidade complexa em que vivem.

Deste modo, o educador/professor vê-se diante de diferentes desafios, entre os quais, o de encontrar o meio-termo entre o desafio à lógica disciplinar e a sistematização dos conteúdos. É necessário o diálogo entre as disciplinas, na construção dessa realidade.

A interdisciplinaridade deve reconhecer o domínio de cada área. Ela deve propiciar as condições necessárias para a coexistência de um diálogo entre as disciplinas. Tem a finalidade de estabelecer uma relação que leve o educando a compreender, processar, pensar, criticar e incorporar os diferentes conteúdos e as ligações entre as disciplinas, permitindo-lhe uma construção coerente e lógica dos conhecimentos adquiridos nas diferentes áreas.

O currículo escolar deve trabalhar em prol da formação de identidades, desafiadoras de preconceitos, abertas à pluralidade cultural, numa perspectiva de educação para a cidadania, para a paz, para a ética nas relações interpessoais, e para a crítica às desigualdades sociais e culturais.

Para perceber a formação do cidadão do século XXI, a escola deve estar comprometida em propiciar, através de diversas linguagens, a construção do saber, do conhecimento, preparando o educando para a transformação do mundo. Em muitas situações de aulas, segundo Filipini (EDWARDS, C. & GANDINI, L. & FORMAN, G., 2007, p.160), “O professor às vezes trabalha “dentro” do grupo de crianças e ocasionalmente “apenas em volta” delas. O professor estuda-as, proporciona ocasiões, intervém em momentos críticos e compartilha as emoções intensificadas das crianças.” Concordo com este autor, porque considero que o professor também tem de ser um ouvinte, tem

de ser um observador atento que entende as estratégias que as crianças usam em determinada situação de aprendizagem, e quando não entende deve dialogar com o aluno, até este conseguir expressar o seu significado. O professor precisa de ser um distribuidor de oportunidades e as crianças precisam de ver nele um recurso ao qual podem recorrer sempre que precisem de algo para prosseguir com o trabalho.

Pelo Decreto-Lei nº. 6 /2001, de 18 de Janeiro do ponto 1 do Artigo 6º. Lê-se que: *“a educação para a cidadania bem como a valorização da língua portuguesa e da dimensão humana do trabalho constituem formações transdisciplinares, no âmbito do ensino básico”*.

O Programa de Educação Visual e Tecnológica, visa que *o aluno mais do que acumular conhecimentos compreenda a forma de chegar a esses conhecimentos e mais do que conhecer situações para vários problemas, interessa que o aluno interiorize os processos que lhe permitam resolver problemas*. (Programa de Educação visual e Tecnológica). É de salientar também, que as actividades artísticas constituem uma das poucas oportunidades que as crianças têm de explorar o sensível.

Este projecto envolveu estes conceitos na totalidade, uma vez que todos os professores do Conselho de turma colaboraram, trabalhando nas suas disciplinas os mesmos conceitos, para que os alunos sentissem que esta ligação lhes permite uma construção coerente dos conhecimentos em todas as áreas. Todos os professores colaboraram também no trabalho final: a pintura de uma tela, o que despertou nos alunos uma grande alegria e curiosidade.

2.5. Valores Humanos

Sabe-se que cada disciplina requer métodos e técnicas específicas, mas todos eles devem estar orientados no sentido de levar o educando a desenvolver os valores humanos existentes no seu ser, para que este possa interagir de forma integral, participando e agindo dentro de uma moral e ética

responsáveis contribuindo para uma relação verdadeira e excluindo aquela forma clássica de apenas ouvir, anotar e repetir.

A educação deve ajudar a criança a descobrir-se como pessoa e a desenvolver as suas potencialidades para que, no futuro, esta possa aplicar, na realidade do meio exterior, os seus conhecimentos e valores de modo a se sentir como um agente transformador, que transforma e é transformado por esse meio. Este processo só poderá ocorrer através da família e da escola.

O homem, como agente desse processo, deve ser bem orientado para que possa intervir de forma correcta e, para isso, precisa ter bons exemplos e sobretudo, aprender a fazer a distinção entre o bem e o mal.

Percebe-se que os jovens se encontram numa busca incessante para conquistar suas metas, que perpassam apenas pela questão económica, no sentido de ter que conquistar um bom trabalho, uma boa profissão, que os promova a um padrão económico voltado para o consumo. O parâmetro da actualidade coloca-nos frente a um sistema que determina o que se deve ter para ser um bom cidadão. É nesse sentido que a educação tem sido o instrumento principal deste momento, elevando as quantidades de matérias que são ministradas para que se possa preparar o indivíduo para ser um bom profissional.

A quantidade de conteúdo que o aluno deve adquirir é enorme, para que ele possa estar apto a ser qualificado, já que apenas os melhores irão ocupar as poucas vagas existentes na universidade ou nos concursos públicos. O resultado de tudo isso é a política de métodos competitivos da nossa sociedade dentro das escolas, cujo término é contribuir para condutas que vão ao encontro do próprio desenvolvimento do ser, pois, na busca dessa competição, muitas vezes desleal, a criança perde a noção dos Valores Humanos, e dessa maneira, desvirtua o seu carácter com condutas que fogem ao padrão de um homem de bem.

Para falar de valores humanos senti necessidade de rever os direitos humanos mas especialmente os direitos das crianças, visto este trabalho ser desenvolvido com este público. As Nações Unidas aprovaram a lei chamada “Convenção sobre os Direitos da Criança” que Portugal ratificou a 21 de

Setembro de 1990. Trabalhei com o poster da UNICEF, onde estão descritos os direitos da criança, pois este, apresenta ilustrações criadas por um designer dinamarquês chamado Niels Fischer, que a meu ver estão de acordo com todo o conteúdo artístico deste projecto. (ANEXO, 0)

A Educação para os valores e para a cidadania é cada vez mais pertinente porque ajuda no desenvolvimento da consciência cívica dos alunos. Este tipo de educação cabe em grande parte ao Director de Turma, visto este acompanhar os alunos de uma forma mais continuada e eficaz. Os valores democráticos segundo (MARQUES, R., 2002, p.71), não podem ser ensinados através de exposições teóricas, lições de moral ou leitura de textos. Para o autor estes métodos podem ser úteis mas são insuficientes.

A meu ver, tudo reside no ambiente educativo que se cria dentro da sala de aula. Se houver um ambiente calmo, organizado e participativo, será mais fácil os alunos sentirem apreço pelos valores democráticos. Deverá ser criado sempre um ambiente de partilha, cooperação em grupo, adequado desta forma ao desenvolvimento da consciência cívica.

Os Valores Humanos precisam ser recuperados e reforçados no indivíduo, trabalhados diariamente. A escola precisa de arranjar soluções que possam contribuir na mudança do comportamento dos nossos estudantes. Considero que os valores são os norteadores da conduta e da ética dos estudantes e que o indivíduo aprende por excelência através de exemplos, principalmente nos primeiros anos de sua vida.

Segundo o relatório de DELORS (PAIXÃO, 2000, p.12), o conjunto de aprendizagens fundamentais para os pilares da educação é: aprender a conhecer, aprender a fazer, aprender a ser e aprender a viver juntos.

Aprender a conhecer e aprender a fazer são, em larga medida, indissociáveis. Mas a segunda aprendizagem está mais estreitamente ligada à questão da formação profissional: como ensinar o aluno a pôr em prática os seus conhecimentos e, também, como adaptar a educação ao trabalho futuro quando não se pode prever qual será a sua evolução? É a esta última questão

que a Comissão tentará dar resposta mais particularmente, com a contribuição como é obvio de todos os elementos do sistema educativo.

Também (ROBINSON, 2010, p.32) alerta *“O que será dos nossos filhos se continuarmos a prepará-los para a vida com base em modelos educativos obsoletos? Muitos deles terão certamente empregos que ainda desconhecemos. Não será pois, nossa obrigação encorajá-los a explorar o maior número possível de caminhos para que descubram os seus verdadeiros talentos e paixões?”*

Ainda seguindo (DELORS) Convém distinguir, a este propósito, o caso das economias industriais onde domina, o trabalho assalariado do das outras economias onde domina, ainda em grande escala, o trabalho independente ou informal. De fato, nas sociedades assalariadas que se desenvolveram ao longo do século XX, a partir do modelo industrial, a substituição do trabalho humano pelas máquinas tornou-se cada vez mais material e acentuou o carácter cognitivo das tarefas, mesmo nas indústrias, assim como a importância dos serviços na actividade económica. O futuro dessas economias depende, aliás, da sua capacidade de transformar o progresso dos conhecimentos em inovações geradoras de novas empresas e de novos empregos. Aprender a fazer não pode, pois, continuar a ter o significado simples de preparar alguém para uma tarefa material bem determinada. Como consequência, as aprendizagens devem evoluir e não podem mais ser consideradas como simples transmissão de práticas mais ou menos rotineiras, embora estas continuem a ter um valor formativo que não é de desprezar.

O relatório *Aprender a ser* (1972) exprimia, no preâmbulo, o temor da desumanização do mundo relacionada com a evolução técnica. A evolução das sociedades desde então e, sobretudo, o enorme desenvolvimento do poder mediático veio acentuar este temor e tornar mais legítima ainda a injunção que lhe serve de fundamento. É possível que no século XXI estes fenómenos adquiram ainda mais amplitude. Mais do que preparar as crianças para uma dada sociedade, o problema será, então, fornecer-lhes constantemente forças e referências intelectuais que lhes permitam compreender o mundo que as

rodeia e comportar-se nele como autores responsáveis e justos. Mais do que nunca a educação parece ter como papel essencial conferir a todos seres humanos a liberdade de pensamento, discernimento, sentimentos e imaginação de que necessitam para desenvolver seus talentos e permanecerem, tanto quanto possível, donos do seu próprio destino.

Este imperativo não é apenas a natureza individualista: a experiência recente mostra que o que poderia aparecer somente como uma forma de defesa do indivíduo perante um sistema alienante ou tido como hostil, é também, por vezes, a melhor oportunidade de progresso para as sociedades. A diversidade das personalidades, a autonomia e o espírito de iniciativa, até mesmo o gosto pela provocação, são os suportes da criatividade e da inovação. Para reduzir a violência ou lutar contra os diferentes flagelos que afectam a sociedade os métodos inéditos retirados de experiências no terreno já deram prova da sua eficácia.

Sem dúvida, esta aprendizagem representa, hoje em dia, um dos maiores desafios da educação. O mundo actual é, muitas vezes, um mundo de violência que se opõe à esperança posta por alguns no progresso da humanidade. A história humana sempre foi conflituosa, mas há elementos novos que acentuam o problema e, especialmente, o extraordinário potencial de autodestruição criado pela humanidade no decorrer do século XX. A opinião pública, através dos meios de comunicação social, torna-se observadora impotente e até refém dos que criam ou mantêm conflitos. Até agora, a educação não pôde fazer grande coisa para modificar esta situação real. Poderemos conceber uma educação capaz de evitar os conflitos, ou de os resolver de maneira pacífica, desenvolvendo o conhecimento dos outros, das suas culturas, da sua espiritualidade?

É de louvar a ideia de ensinar a não-violência na escola, mesmo que apenas constitua um instrumento, entre outros, para lutar contra os preconceitos geradores de conflitos. A tarefa é árdua porque, muito naturalmente, os seres humanos têm tendência a super valorizar as suas qualidades e as do grupo a que pertencem, e a alimentar preconceitos

desfavoráveis em relação aos outros. Por outro lado, o clima geral de concorrência que caracteriza, actualmente, a actividade económica no interior de cada país, e sobretudo a nível internacional, tem a tendência a dar prioridade ao espírito de competição e ao sucesso individual. De facto, esta competição resulta, actualmente, numa guerra económica implacável e numa tensão entre os mais favorecidos e os mais pobres, guerra que divide as nações do mundo e exacerba as rivalidades históricas. É de lamentar que a educação contribua, por vezes, para alimentar este clima, devido a uma má interpretação da ideia de emulação.

Que fazer para mudar a situação? A experiência mostra que, para reduzir o risco, não basta pôr em contacto e em comunicação membros de grupos de diferentes (através de escolas comuns a várias etnias ou religiões, por exemplo). Se, no seu espaço comum, estes diferentes grupos já entram em competição ou se o seu estatuto é desigual, um contacto deste género pode, pelo contrário, agravar ainda mais as tensões latentes e degenerar em conflitos. Pelo contrário, se este contacto se fizer num contexto igualitário, e se existirem objectivos e projectos em comum, os preconceitos e a hostilidade latente podem desaparecer e dar lugar a uma cooperação mais serena e até amizade.

Parece, pois, que a educação deve utilizar duas vias complementares. Num primeiro nível, a descoberta progressiva do outro. Num segundo nível, e ao longo de toda a vida, a participação em projectos comuns, que parece ser um método eficaz para evitar ou resolver conflitos latentes.

2.6. Formação de Professores

A Educação escolar é, actualmente, um campo de acção em constante mudança. São mudanças organizacionais, curriculares, extra-curriculares e outras, que definidas no quadro de sucessivas reformas e políticas educativas, exigem dos professores novos papéis e novas competências. O quadro legislativo da formação inicial de professores, para responder às novas

orientações impostas pela Declaração de Bolonha, foi profundamente alterado e os Centros de Formação Contínua, em função do novo quadro organizativo, foram objecto de grandes reformulações.

Se é certo que esta realidade interpela todos os professores, também as instituições formadoras e, obviamente, os investigadores são chamados a contribuir para a busca de respostas a estes desafios.

Para (ESTRELA, M.T. e FREIRE, I., 2009, p.3) “A Formação de Professores continua a ser, justificadamente, uma área importante da investigação educacional. Muito se tem publicado neste domínio e que vamos conhecendo um pouco melhor o modo como os professores constroem o seu conhecimento profissional. No entanto, para além do conhecimento de realidades locais e da confirmação de quadros teóricos que têm orientado a investigação, esta é ainda muito dependente das grandes temáticas que se desenvolvem a partir dos anos 80.”

A aposta na qualidade da formação de professores continua a ser um objectivo central a atingir, quer ao nível político, quer da investigação e das instituições formadoras, quer ainda ao nível das escolas e dos agrupamentos.

A investigadora, pela sua experiência profissional depara-se muitas vezes com situações novas no meio escolar, sentindo por vezes que não houve preparação na sua formação inicial, o que faz acreditar que é necessário haver formação contínua de professores a todos os níveis, (técnico e curricular) de modo a que os professores se sintam mais seguros para desenvolver correctamente o seu papel. Para (FERNANDES, Ano 9)

A formação inicial e contínua de professores deve ser entendida como um dimensão decisiva na promoção de um saber fazer e de um saber com repercussões imediatas na sala de aula, no entanto, eles não o poderão fazer, se previamente eles também não passaram por tal formação nesta área de desenvolvimento e isso dificultará a promoção da democracia na sala de aula e o cumprimento dos objectivos de natureza cívica propostos pela Lei de Bases do Sistema Educativo e nos programas de ensino.

É claro que tudo o que implica mudar hábitos na vida das pessoas implica recusa e obstáculos. Durante muitos anos os professores não fizeram formação contínua, porque a isso não eram obrigados e, actualmente com a obrigatoriedade de formação, houve dificuldades por parte de professores em adaptar-se a esta situação visto que estavam acomodados. Por este motivo, considero, que também a formação deve ser dirigida com temas e propostas que entusiasmem os professores e os motive a participar nessa formação, de forma a fazê-las e a mudar as suas práticas pedagógicas em favor dos alunos. Considero que é importante fazer chegar às Escolas resultados de estudos efectuados, propostas de actividades pelos Centros de formação e propostas de Acções de Formação sobre Cidadania (Educação para os valores) em Educação Cívica e em Área de Projecto.

O professor terá de ser um profissional sempre em construção. A formação é uma forma de socialização que transforma o professor. Um professor que faz formação tem a oportunidade de, através do relacionamento com outros professores partilhar saberes, dúvidas, experiências e assim reconhece-se como profissional. A formação implica *“o reconhecimento das trajectórias próprias dos homens e das mulheres, bem como exige a contextualização histórica dessas trajectórias, assumindo a provisoriedade de propostas de formação de determinada sociedade.”* (FAZENDA, 2001, p.226) in (FARIAS, I. & SALES, J. & BRAGA, M. & FRANÇA, M., 2009, p.66). Para estes autores, a formação tem de ser assumida como algo inacabado, tem lacunas mas tem de ser comprometida com a maneira de explicar e intervir no mundo, é uma componente na construção da identidade profissional do professor.

Pode-se dizer que para estes autores a formação é uma actividade humana inteligente, de carácter processual e dinâmico; o professor deve envolver-se de modo activo, precisando de reflectir constantemente, desenvolver capacidades e atitudes de questionamento e experimentação para assim fomentar a inovação e a mudança. Implica romper com a passividade e com práticas pré determinadas. Com a formação, o professor volta-se mais para uma maturidade profissional, cultural e ética.

3. DESENHO DA PESQUISA

3.1. Introdução

“Arte é a forma de transcendência do ser humano na terra, é por aí que se consegue a sublimação de cada um de nós e se atinge o máximo da expressão de cada um de nós”. (LÚCIO, 2008). Esta frase de Laborinho Lúcio foi referida na apresentação do seu livro, “Educação Arte e Cidadania” em Paredes no mês de Maio de 2008.

Concordando e considerando eu que as Artes Visuais são um meio de excelência para o desenvolvimento integral do ser humano, usei a arte neste projecto para levar os alunos a melhor interiorizarem os conceitos de Cidadania e valores humanos.

Para o desenvolvimento desta Unidade Didáctica com os alunos, e com a sugestão dos meus professores, resolvi usar a minha experiência pessoal artística de pintura, assim como os meus trabalhos, além de lhes apresentar outros pintores contemporâneos, sendo eles: Picasso, Miró, José de Guimarães e Paula Rego. Para (ALMEIDA, C., 2009 p.23) “Trabalhar com a experiência requer abordagem não abstracta com foco no existir e fazer quotidianos, e que acolha a sua subjectividade, ambiguidade e contradição”. A minha experiência como pintora teve nos alunos um grande impacto, primeiro porque eles não conheciam esse lado da vida da professora e surtiu grande curiosidade, por outro lado sentiram-se muito à vontade para trabalhar, porque se viam perante alguém que se disponibilizou e tirou medos de falhar na pintura. Considero que ensinar é também transmitir um saber e questionar continuamente. Os conhecimentos e regras na aprendizagem devem sempre ser doseados com o exercício da criatividade, assim como de habilidade.”A educação deve proteger o natural infantil, preservando a criança da corrupção da sociedade e salvaguardando a sua pureza. A educação não se baseia na autoridade do adulto, mas na liberdade da criança e na expressão de sua espontaneidade” (KRAMER, 1978, p.22)

A liberdade para criar é indispensável para o desenvolvimento do processo criativo, mas como condição necessária ao desenvolvimento e não de forma aleatória. Através da minha experiência como pintora, transmiti aos alunos a intuição, a memória e a imaginação.

Para OLIVEIRA, os locais da memória “ essas paisagens do mundo vivente são figuras amplas, como projecções”, “ a vida do corpo precisa de lembranças vivas”, é neste sentido que é importante que se leve as crianças a reavivar as suas memórias a fim de as fazer conhecer também a sua verdadeira identidade. Diz a mesma autora, que “a memória do corpo é a dos olhos, o duplo caminho percorrido pelos olhos, entre a palavra impressa e a sua correspondente imagem, é o lugar do inferno, um espaço mensurável, mas comprimido”, este inferno corresponde às imagens menos boas guardadas dentro de cada um de nós e que correspondem ao que há de mau na sociedade, “o inferno é a morada da fraude”. Com este entender e viajar das memórias, poderá ser possível reflectir e interpretar novas imagens, dando-lhes sentidos personalizados.

Foram escolhidos os artistas acima referidos porque me pareceram os mais adequados para atingir os meus objectivos. A razão da escolha de Picasso, está relacionada com o conhecimento mundial da sua obra e pela variedade da mesma, por outro lado a figuração cubista é um conceito que deve ser incluído na linguagem das crianças deste nível etário. A escolha de Miró teve a ver com a linguagem poética das formas e cores de um onírico quase infantil que é também muito apreciado nesta faixa etária. Quanto à escolha de José de Guimarães, foi por ser um pintor português, que ainda é vivo, que usa as figuras esquemáticas carregadas de simbologia e levam as crianças a imaginar. A escolha de Paula Rego foi também pelo facto de ser portuguesa, de ser conhecida mundialmente e ainda estar viva. A sua pintura narrativa realista, aborda histórias pessoais e da literatura infantil, que é sempre um mote para os alunos se entusiasmarem, assim como as suas imagens gordas, com corpos de animais, que os levam a usar o seu imaginário, desenvolvendo também a sua criatividade.

Considerarei estas escolhas as mais indicadas pois, pela sua diversidade de estilos, poderiam contribuir para o aumento do reportório gráfico, plástico, criativo e histórico dos meus alunos.

Cada artista foi apresentado aos alunos através de imagens projectadas, devidamente seleccionada e preparadas, com uma biografia simples (data de nascimento, nacionalidade, onde viveu) e obra de cada artista. Foi para os alunos, uma surpresa muito grande, quando lhes apresentei o meu trabalho pessoal, nos mesmos moldes dos outros artistas e também um grande entusiasmo porque sentiram que estavam perto de uma pintora, e o trabalho não seria assim tão difícil, pois teriam o meu apoio.

Além de serem apresentados aos alunos os artistas, foram trabalhados com eles muitos conceitos de valores humanos como: Solidariedade, Paz, Liberdade, Amizade, Amor, Tolerância, União entre os povos etc..., levando os alunos a ilustrar esses valores ao estilo dos artistas. Seguindo os seguintes passos:

- Distinguir as obras e os estilos dos artistas;
- Desenhar ao estilo de cada artista os valores da Solidariedade, Paz, Liberdade, Amizade, Amor, Tolerância; União entre os povos, etc, valores estes decretados pela UNESCO² em 1945.
- Seleccionar o desenho que caracterizar melhor o artista e o valor;
- Escrever o que representa a sua imagem e o que sentiu ao desenhar;
- Reproduzir o desenho seleccionado para uma tela;
- Pintar a tela com tinta acrílica, seguindo as instruções dadas pelos professores;
- Cantar em público uma canção sobre Amizade intitulada “Amigos para sempre”
- Desenvolver a sua identidade através do seu auto retrato e criação de um brasão com as suas características (ANEXOV).

Envolvência pedagógica em contexto escolar

Este projecto teve uma grande envolvência pedagógica, uma vez que envolveu alunos, Encarregados de Educação e os professores do Conselho de Turma. Os Encarregados de Educação foram muito presentes ao longo de todo o processo de trabalho, manifestaram sempre curiosidade em saber resultados e em ajudar no que estivesse ao alcance deles, que, neste caso, foi mais a ajuda monetária para adquirir os materiais de pintura. Os professores do Conselho de turma envolveram-se no projecto, colaborando na pintura de uma tela, onde foram desenhadas figuras criadas pelos alunos ao estilo de cada artista. Ou seja, a tela dos professores teve trabalho também dos alunos. O professor de Educação Musical, nas aulas de Área de Projecto, ensaiou a canção "Amigos para sempre" com a turma, para apresentar na inauguração da exposição. As professoras de Língua Portuguesa, Inglês e História e Geografia de Portugal, organizaram uma visita a um lar de idosos, na época de Natal, para os alunos lhes oferecerem uma canção de Natal em Inglês e os presentearam com cachecóis, luvas e gorros. (figs.1, 2, 3, 4, 5 e 6)



Figura 1- A turma e as professoras, com os sacos para o lar de idosos



Figura 2- A turma a cantar aos idosos



Figura 3- Pequeno grupo com os idosos



Figura 4- Idosos com os presentes



Figura 6- Idosos com os presentes



Figura 5- Idosos a abrir os presentes

Calendarização das várias fases

O projecto da investigação/acção iniciou-se no mês de Outubro de 2009, depois de ter sido apresentado ao Director da Escola EB2,3 de António Feijó, de Ponte de Lima, aos Encarregados de Educação e Conselho de Turma. Abriu nas aulas de Formação Cívica e Área de Projecto e a partir de Dezembro em Educação Visual e Tecnológica, tendo sido concluído em 20 de Janeiro de 2010 e tornado público em 22 de Janeiro de 2010 às 18h.

Nos meses de Outubro e Novembro de 2009, foram apresentados e trabalhados em texto e em desenho os conceitos de Cidadania, Direitos Humanos, valores humanos,

No mês de Dezembro, seleccionou-se e passou-se o desenho para a tela, aprenderam-se técnicas de pintura em acrílico e iniciou-se a pintura da tela em acrílico. Visitou-se o lar de idosos.

No mês de Janeiro, concluiu-se a pintura da tela, montou-se a Exposição na ESEVC no dia 22 de Janeiro de 2010 e inaugurou-se a mesma às 18h., cantando a canção “Amigos para sempre”.

3.2. Escolha do Método de Investigação

Segundo Bogdan & Biklen (1994 p.19), a investigação qualitativa surgiu no final do século XIX e início do século XX, atingindo o seu apogeu, nas décadas de 60 e 70.

As investigações qualitativas e quantitativas oferecem perspectivas diferentes, mas não necessariamente pólos opostos. Ambas as abordagens podem ser usadas juntamente em estudos mistos.

Pelas diferenças entre as duas investigações atrevo-me a afirmar que na investigação qualitativa os resultados podem ser transitórios, o investigador não pode ser neutro, pois ao interpretar, vai valer-se das suas experiências de vida e das vivências enquanto actor social, das quais dificilmente se liberta. As suas compreensões e interpretações estão, por isso, a ser (re) configuradas. Compreende-se, deste modo, a dificuldade em estabelecer regulamentações, generalizações e procedimentos sistemáticos.

Para Ludke & André (1986, p.13) a pesquisa qualitativa pode assumir várias formas, destacando-se, principalmente, a pesquisa etnográfica e o estudo de caso. Ambas têm vindo a ganhar muita aceitação e credibilidade na área da educação, mais precisamente para investigar “questões relacionadas com a escola”.

A investigação qualitativa prefere procedimentos descritivos, na medida em que a visão do conhecimento admite a interferência subjectiva, o conhecimento como compreensão é sempre contingente, negociada e não verdade rígida. O que é considerado “verdadeiro”, dentro desta concepção, é sempre dinâmico e passível de ser mudado. Como já dizia Paulo Freire, “Não há saber sem busca inquieta” (CORTESÃO, 2001, p.133). Isso não quer dizer que se deva ignorar qualquer dado do tipo quantitativo ou, mesmo, qualquer pesquisa que seja feita baseada noutra noção de conhecimento.

Segui como metodologia um estudo qualitativo, porque foi o método que considerei mais pertinente para este estudo, uma vez que todo o trabalho foi desenvolvido nas aulas e foi acompanhado por mim, visto que pretendia a compreensão dos factos e não a análise estatística.

Por outro lado considerei que é um método multifacetado, que pode estudar os factos no seu ambiente natural, como tentativa de interpretar os acontecimentos. O tipo de investigação qualitativa envolve uma abordagem interpretativa e naturalista pelo que pode ser benéfico neste caso.

3.3. Caracterização do Estudo de Caso

O estudo de caso é considerado um estudo qualitativo, fenomenológico, etnográfico, descritivo, exploratório, interpretativo, naturalista.

Segundo (Bell, 2008),

“O método de estudo de caso particular é especialmente indicado para investigadores isolados, dado que proporciona uma oportunidade para estudar, de uma forma mais ou menos aprofundada, um determinado aspecto de um problema em pouco tempo embora alguns estudos sejam desenvolvidos durante um período longo.”

O estudo de caso não se limita a descrever factos, acontecimentos ou histórias, mas tenta analisar a interacção que existe entre eles, bem como a sua importância no contexto de estudo (BOGDAN & BIKLEN, 1994). Apesar de utilizar diversos métodos de abordagem, no trabalho de campo, o estudo de caso recorre, sobretudo, à observação e à entrevista. Dessa forma pode desocultar aspectos que poderiam ficar escondidos se fosse outra a metodologia de abordagem da investigação.

Este foi o método mais conveniente para o meu estudo, porque vem ao encontro daquilo que me proponho demonstrar. Tendo iniciado com uma investigação – acção, com uma turma de 5º ano a trabalhar o tema “Pintar a Cidadania”, proponho-me analisar em profundidade os resultados obtidos (desta investigação – acção). Assim, tenho a oportunidade de estudar de forma mais aprofundada o resultado e as avaliações e reflexões das crianças, Encarregados de Educação e Professores do Conselho de Turma sobre o projecto.

Espero, com esta experiência poder ajudar outros profissionais a reflectir nas suas práticas, mudar estratégias e formas de trabalhar com os alunos ligando estes dois conceitos: Cidadania e Arte.

Estudo de caso – Para (Vale, 2004, p.171) “ *Uma vez que há maneiras diferentes pelas quais o mundo e o comportamento humano são vistos e compreendidos, sendo estas diferenças principalmente filosóficas, mas podendo ainda ser religiosas e culturais, há também diferentes formas de investigação que reflectem esses vários pontos de vista.*”

O Estudo de caso proporciona uma oportunidade para estudar, de forma mais ou menos aprofundada, um determinado aspecto de um problema em pouco tempo. Este tipo de estudo trata de muito mais que uma descrição de um acontecimento ou uma história, relata uma investigação em campo. Como em qualquer investigação num estudo de caso, os dados foram recolhidos sistematicamente, o estudo foi planeado metodicamente, e as técnicas seleccionadas foram as que melhor se adequaram às tarefas.

Segundo Bell, J. para (BASSEY, 1981, p. 15) “ *Um critério importante para avaliar o mérito de um estudo de caso é considerar até que ponto os pormenores são suficientes e apropriados para um professor que trabalhe numa situação semelhante, de forma a permitir-lhe relacionar a sua tomada de decisão com a descrita no estudo. É mais importante que um estudo possa ser relatado do que possa ser generalizado*”. O autor também acrescenta que, “*se os estudos de caso forem realizados sistemática e criticamente, se visarem o melhoramento da educação, se forem relatáveis e se, através da publicação das suas conclusões, alargarem os limites do conhecimento existente, podem ser consideradas formas válidas de pesquisa educacional.*”

No meu estudo constatei, que para tirar conclusões mais aprofundadas, a amostra deveria ser maior, deveria conter escolas de várias zonas do país e deveria ser verificado o desenvolvimento das turmas sujeitas ao estudo durante mais cinco anos no mínimo, para avaliar se realmente o estudo surtiu efeito. Como sabemos o resultado da Educação não é imediato mas a longo prazo.

3.4. Contexto e Amostra

Este relatório apresenta a descrição do projecto “Pintar a Cidadania”, que foi realizado na Escola EB2,3 de António Feijó, Ponte de Lima, com uma turma do 5º ano, nas aulas de Formação Cívica, Área de Projecto, Educação Visual e Tecnológica e foi apresentado numa exposição na Escola Superior de Educação de Viana do Castelo, no dia 22 de Janeiro de 2010. Esta turma era composta por 22 alunos, 11 meninos e 11 meninas, sendo um menino portador de paralisia cerebral. Todos os alunos tinham 10 anos e pertencem a um meio sócio económico e social médio.

Senti que trabalhando este tema teoricamente nas aulas de Formação Cívica, poderia dar aos alunos novos conhecimentos e conceitos dos valores, direitos humanos e identidade, a fim de os preparar para a parte criativa de pintura nas aulas de Educação Visual e Tecnológica. Nas aulas de Área de Projecto, foi feita a ponte entre Formação Cívica e EVT, trabalhando os valores

humanos através da música, visto que o Professor de Educação Musical foi o meu par pedagógico e aceitou o desafio de trabalhar o tema com a turma

A grande motivação que encontrei foi o entusiasmo dos Encarregados de Educação, quando no início do ano lectivo, lhes apresentei o projecto ao qual aderiram e no qual confiaram de imediato. A partir daí, todos os alunos se empenharam muito e foi uma experiência muito gratificante. O projecto foi na mesma altura apresentado ao Conselho de turma e este também aderiu ao projecto, tendo todos os professores participado na pintura de uma tela. Para além desta participação, três professoras de Conselho de turma se voluntariaram a organizar uma visita solidária ao lar de idosos na época de Natal, levando gorros cachecóis e luvas para oferecer aos idosos.

Objectivos:

Os objectivos deste projecto tiveram um carácter pedagógico, uma vez que todos eles foram trabalhados ao longo das aulas. Utilizei a minha experiência de pintora e o meu trabalho pessoal de pintura, para motivar os alunos e para eles se sentirem mais perto de uma realidade. Desta forma pretendi:

- Sensibilizar alunos, Encarregados de Educação e professores do Conselho de Turma, para trabalhar em conjunto no projecto;
- Motivar os alunos para a investigação e pesquisa sobre os direitos humanos e valores humanos;
- Fazer os alunos sentir o que representam os valores, através de histórias de vida e exemplos das suas vivências diárias;
- Motivar os alunos para a investigação e pesquisa de cinco artistas contemporâneos;

3.5. Instrumentos de recolha de dados

Observação: – Ao longo das aulas foram observadas todas as crianças no desenvolvimento do trabalho, as suas atitudes e comportamentos com os colegas da turma e também com os professores. Estas observações foram sempre registadas quando pertinentes para o estudo em causa. Considerei que as observações efectuadas no desenvolvimento do projecto foram a melhor técnica de recolha de dados, porque aqui estava tudo e primeira mão. Permitiu-me comparar aquilo que se diz ou não, com aquilo que se faz. Considero que, teve a vantagem de não ser controlada por mim, uma vez que não interferi em determinadas situações ou comentários a fim de obter resultados mais neutros. De qualquer modo, para além de observação passiva, pretendi também utilizar a observação participante. Segundo (Vale, 2004, p.182) “a observação participante é uma forma de observação na qual o observador intencionalmente faz parte da situação a ser observada e, por conseguinte, influencia os acontecimentos a serem observados.” Este tipo de observação foi importante no meu trabalho, porque pude encaminhar o desenvolvimento do trabalho para aquilo que pretendia, sem retirar a ideia do aluno.

Documentos – (Recursos visuais) – Para motivação e exploração de conteúdos, utilizei recursos visuais como: vídeos curtos retirados da internet e o filme “Os Poderosos”, representativos de atitudes de cidadania, falta de cidadania e valores. Foram apresentados e explorados, também imagens projectadas das biografias e obras dos artistas contemporâneos a apresentar aos alunos (ANEXO II). Estes conjuntos de projecções foram apresentadas uma por semana, para cada artista, para se explorarem as pinturas de forma intensa e todos os alunos tiveram a possibilidade de imaginar e dizer o que estava por trás de cada pintura, e responder às perguntas: o que pretendia o pintor? Porquê estas cores? Porquê estas formas? O que te faz sentir este quadro? Desenvolvendo desta forma o imaginário de cada aluno ia-se desenvolvendo e aumentavam a coragem e ideias para o seu trabalho futuro.

Segundo, (DUBORGEL, 1992, p.180) “A imagem não só ensina e instrui como também educa, catequiza e diverte”, sendo assim, e acreditando vivamente nisto, foram apresentadas também imagens impressas de situações de conflitos e convívios sociais que serviram de motivação e de informação adicional à parte verbal e ao desenvolvimento do imaginário individual. A imagem está ligada ao saber, por isso é um óptimo recurso para ser utilizado em sobredosagem. Para mim, a imagem é também um saber ilustrado e, por acreditar nisto, tive de fazer este projecto para confirmar e confirmei. Para o referido autor, as imagens permitem um apelo à observação, as imagens não deverão servir para distração dos olhos, mas de um meio de observação atenta, tratando-se assim de observar todos os pormenores. Diz-nos ainda (DUBORGEL, 1992, p.185) que “...a utilização das imagens contribui para a instituição, no psiquismo infantil que as recebe e pratica, de regras mais ou menos implícitas do uso das imagens para forjar na criança atitudes mentais face às imagens plásticas.” (ANEXO II)

Notas de campo: - Foram utilizadas igualmente notas de campo, que foram recolhidas durante a investigação/acção da investigadora, como ferramenta de enriquecimento ao estudo. As notas de campo incluem reflexões dos alunos em relação aos filmes, imagens e trabalhos realizados. Foram ainda utilizadas reflexões de alguns Encarregados de Educação e apreciações de professores da Escola EB2,3 de António Feijó.

Através destas notas de campo pude verificar o grande envolvimento e interesse de todos os intervenientes no projecto. Sempre que era pedido um comentário escrito ou um registo gráfico, todos os alunos se manifestaram entusiasmados e desembaraçados a resolver as situações em sala de aula ou em casa.

Fotografias: - Foram fotografados os trabalhos dos alunos, para servirem de análise e visualização do resultado do seu trabalho, neste estudo.

Opiniões de alguns alunos sobre o que sentiam ao desenhar

“Senti uma paixão, uma coisa a bater dentro do coração, é uma coisa que muitos não sentem, e que liberta o espírito do medo e entra o espírito da imaginação. Isto é o que eu sinto!” Aluno A

“Aprendi como se é um bom cidadão e o que é a cidadania, também conheci vários artistas pintores que achei muito interessantes. Senti uma responsabilidade não só porque era o meu primeiro trabalho ao estilo de um pintor tão famoso, mas também alegria porque eu vi que consegui fazer.” Aluno B

“Aprendi a ser uma boa cidadã, a respeitar os meus colegas, e os dez mandamentos das relações humanas. Senti-me uma verdadeira pintora”. Aluno C

“Quando desenhei ao estilo de Picasso, senti muita imaginação dentro de mim, inspirou-me muito. Aprendi o que é a cidadania”. Aluno D

“Aprendi de tudo um pouco, aprendi o que é a cidadania, que todos devemos saber viver em comunidade, ajudar as pessoas que mais necessitam, não magoar ninguém.” Aluno E

“Aprendi a ser uma boa cidadã, a respeitar todos, ser amiga de todos, a compreender a opinião dos outros, a ajudar quem mais precisa, a ser solidária, a saber que temos direitos e deveres, saber estar com todos e saber partilhar. Quando desenhei e pinte ao estilo dos artistas, tive uma sensação de leveza, também me senti um pouco mais crescida, mais pura, senti-me mais pessoa. Quando desenhava parecia que me tornei num ser imaginário inventado pela minha cabeça que nunca foi visto e a coisa mais importante, é que me senti feliz como nunca”. Aluno F

“ Quando de desenhei e pinteí ao estilo dos artistas, senti que estava a aprender mais sobre arte, que estava a transformar-me numa pintora, que era diferente, até melhor do que alguns pintores e que estava a passar um bom momento acompanhada pela beleza das gravuras”. Aluno G

“Senti que um dia posso vir a ser pintora e a fazer quadros bonitos e cheios de arte”. Aluno H

“Senti uma veia criativa a surgir dentro de mim”. Aluno I

“ Aprendi a ser um bom cidadão, a ser responsável perante nós e perante os outros e a ter consciência de deveres”. Aluno J

Opiniões de alguns alunos sobre a Exposição

O dia em que me senti pintora

“No dia da exposição da escola (22/1/2010) desde que acordei até à hora da exposição não parei de pensar em como tudo seria e se correria bem. Claro que nas aulas não podia passar o tempo todo a pensar nisso pois senão ficava tudo uma salgadeira. Como ando na dança, no desporto escolar, o mesmo teve de acontecer porque se assim não fosse trocava os passos todos e caía de rabo no chão. Durante a tarde estive a brincar com alguns amigos em minha casa. No final do lanche quis logo vestir-me para depois a minha mãe me fazer um penteado. A ocasião assim o pedia! Afinal era dia de festa!

Quando cheguei à exposição alguns dos meus colegas já lá estavam. A primeira coisa que fiz foi apresentar aos meus pais a minha belíssima obra de arte. Fiquei muito feliz quando eles me disseram que estava muito bonita.

Depois vimos as outras telas, todas elas muito bonitas. A actuação do grupo «Zés Pumbas e Cabeçudos» divertiu toda a gente, seguiu-se a nossa canção. No final recebemos uma surpresa da professora!

Senti-me orgulhosa e percebi que todo o trabalho que tive valeu a pena! Este foi o dia em que me senti pintora!” (Aluno S)

“Quando cheguei à exposição, mostrei aos meus pais o meu quadro. Fiquei um pouco nervosa à espera das suas opiniões, coisa que não valia a pena, porque eles adoraram.

Primeiro houve a actuação dos Zés Pumbas e Cabeçudos. Havia muito barulho, com os bombos a tocar, os quais eram feitos de latas e garrações (reciclaram o material).

Mais tarde, nós cantámos a canção “Amigos para sempre”. Estávamos afinadinhos, e no final, todos bateram palmas.

Todos entraram em grande euforia!

Fiquei contente por saber que gostaram de nos ouvir cantar.

No final foram os agradecimentos, por parte da professora Flor, e a exposição acabou.

Foi interessante e divertido trabalhar para este acontecimento.” (Aluno M)

“Sexta-feira, dia 22 de Janeiro de 2010, a nossa turma do 5º1 da Escola EB 2,3 de António Feijó de Ponte de Lima, foi a Viana do Castelo. É que há uns tempos, andamos a pintar nas aulas de EVT, os nossos próprios quadros.

No dia da exposição, estávamos todos contentes. Os nossos quadros iriam estar, pela primeira vez em exposição numa escola de Viana do Castelo. (figura.7) Os pais também foram convidados! Alguns deles, tiravam fotografias e olhavam surpreendidos, para os quadros da turma lá expostos. Maior parte dos alunos olhavam para os seus quadros, e aperceberam-se que aquele trabalho todo tinha valido a pena.

Outros alunos de outra escola, tocaram bombos. Na verdade, eram objectos reciclados e as baquetas eram paus com bolas de ténis na ponta. Depois, cantamos a música “Amigos para Sempre” que aprendemos na aula de Área de Projecto, e os bombos encerraram a exposição.

Eu adorei este momento, e espero que mais outro se aproxime.” (Aluna A)



Figura 7- Uma parte da Exposição

“No dia 22 de Janeiro de 2010 pelas 18:00 horas na E.S.E. (Escola Superior de Educação) em Viana do Castelo realizou-se a exposição: « Pintar a Cidadania » com o seguinte programa:

-Actuação do grupo» Zés Pumbas e Cabeçudos» da Escola E.B. 2,3 Carteados Mena, Darque;

-Actuação da minha turma;

-Actuação do grupo» Zés Pumbas e Cabeçudos».

A exposição foi agradável e havia coisas engraçadas e também havia coisas muito bonitas.

Já me ia esquecer de vos dizer que a minha turma actuou com a música” Amigos Para Sempre”. (figura 8)

Gostei muito desta exposição e também irei adorar a exposição que estará exposta na Biblioteca Municipal de Ponte de Lima.” (Aluno H)



Figura 8- A turma a cantar na inauguração da exposição

Conversas informais: – As conversas informais foram também uma forte ferramenta, uma vez que através destas se conseguiram obter dados relevantes, visto que os alunos não estavam sobre qualquer pressão de pergunta resposta, ou sobre qualquer tipo de avaliação.

Tendo em conta que em Educação pela Arte o interesse pedagógico se centra na criatividade, sendo a acção de criar apenas uma forma de desenvolver esta capacidade. Para (SOUSA, 2003, p.169) “Não interessa tanto o *como* nem o *que* a criança desenha ou pinta, mas o que sucede mentalmente, no seu cérebro.

Durante as aulas, circulava entre os alunos verificando as suas estratégias e técnicas de trabalho, o seu empenho e ia conversando sobre o que sentiam no momento. Ia ouvindo respostas magníficas do género: “*Sinto-me livre*”, “*Sinto que consigo desenhá-lo que penso*”, “*Não sabia que era capaz*”, “*O Picasso é mesmo fixe*”, “*A Paula Rego é difícil de desenhá-la*”, “*gostava de desenhá-la como a professora*”, “*Não sabia que para se ser bom cidadão era preciso ser livre*”, “*Aprendi que devemos ser todos amigos uns dos outros e não ser vingativos*”.

Fui memorizando estas frases ao longo das aulas e registando no final por considerar dignas de registo.

3.6. Questões éticas

A ética está preenchida de uma forte carga emocional e tem muitos significados por trás. “*Nada pode ser mais devastador para um profissional do que ser acusado de uma prática pouco ética.*” (BODGAN, R. 1991, p.75).

A ética é o conjunto das normas que são relativas aos procedimentos considerados correctos e incorrectos por determinado grupo. Os grupos, profissões e especialidades académicas possuem códigos deontológicos que

estabelecem as suas normas e a falta ao seu cumprimento é considerada uma falta de ética profissional.

Para mim, há dois valores importantes a considerar, que é o de acreditar no valor e na necessidade desta investigação e acreditar na dignidade humana, nos seus contextos de vida e nos direitos à sua privacidade. Por este motivo, neste estudo foram elaborados pedidos de autorização para publicar fotografias dos alunos e foram alterados os nomes das crianças, Encarregados de Educação e Professores.

Recorrendo a (SÁ-CHAVES, 1997, p.146) ...*”o professor não manipula objectos inertes, tal como o engenheiro ou o artesão; o professor trabalha com seres em construção, em desenvolvimento, seres que embora parecendo estar numa dimensão de objectos, nunca deixam de ser realmente sujeitos.”* Então perante isto, o trabalho do educador e do investigador, deverá sempre estar ligado ao saber, saber-fazer, saber-estar e saber-ser.

Todos os intervenientes no estudo foram tratados respeitosamente por mim, tendo desta forma conseguido sempre uma boa cooperação na investigação. Também tive o cuidado de ser sempre clara e explícita no desenvolvimento do trabalho, para nunca existirem dúvidas e mantive sempre a minha palavra no cumprimento das actividades, a fim de merecer toda a confiança. Fui autêntica e fiel aos dados na escrita dos resultados desta pesquisa.

Com estes princípios, comprometo-me a proceder a uma avaliação cuidadosa da aceitabilidade ética do meu estudo, a salvaguardar a integridade física, mental e moral dos participantes, a usar imagens com autorizações prévias do Director da Escola em Estudo, EB2,3 de António Feijó para publicação de fotos do ambiente escolar, assim como dos Encarregados de Educação, para publicar fotos dos seus educandos e dos seus trabalhos. (ANEXO I)

3.7. Plano de Acção

Outubro a Janeiro – Desenvolvimento da Investigação/acção

Novembro e Dezembro 2009 - Revisão da literatura

Janeiro e Fevereiro 2010 – Conclusão do projecto de investigação
Acção (base para o estudo de caso)

Março 2010 - Análise de dados

Abril e Maio 2010 – Análise de resultados

Junho 2010 - Redacção do relatório final

Julho e Agosto 2010 – Paragem por acidente pessoal

Setembro e Outubro 2010 - Continuação do relatório final

Dezembro 2010 – Entrega do trabalho

4. ANÁLISE DE DADOS

4.1. Introdução

Seguem-se no desenvolvimento deste capítulo, as imagens das pinturas em tela criadas pelos alunos, assim como a justificação e interpretação que cada aluno fez ao seu próprio trabalho.

Foi importante verificar que surpreenderam por mostrar em alguns deles aspectos familiares e alguns também apresentarem preocupações com o Mundo.

4.2. Pinturas dos alunos



Figura 9- Pintura - “Harmonia”, aluno A

Harmonia

Aluno A, pinta ao estilo de Flor Gomes

“O meu desenho representa a Harmonia. Tem um pau, passarinhos, notas musicais, flores e um céu azul e o vento a soprar. Os passarinhos estão a piar e as notas musicais significam a música que sai do canto dos passarinhos. As flores estão a abanar por causa do vento mas também estão a dançar ao som do pio dos pássaros. A artista que eu escolhi é Flor Gomes. A artista Flor Gomes é minha professora, que se apresentou no dia 2 de Dezembro como uma grande pintora. Escolhi-a porque o seu estilo era muito bonito. Tinha alguns riscos e sarrabiscos, mas quase todos os desenhos tinham imensas cores da natureza. Eu adorei pintar ao estilo de Flor Gomes e espero ser tão boa pintora como ela” (Aluna A)



Figura 10- Pintura – “Harmonia”, aluno B

Harmonia

Aluno B, pinta ao estilo de Flor Gomes

“Neste desenho que eu fiz tentei representar a Harmonia, entre a música e os seres vivos como as plantas e os pássaros. Usei a natureza, porque a artista Flor gomes, tem muitos quadros com a natureza representada. Usei cores vivas para dar mais cor ao desenho que vou representar na tela. Neste desenho está representada uma árvore e três pássaros. Gostei muito do estilo da minha professora/artista Flor Gomes. Espero que no dia 22 de Janeiro, consiga apresentar uma obra magnífica.” (Aluna B)



Figura 11- Pintura – “Amor”, aluno C

Amor

Aluno C pinta ao estilo de Paula Rego

“Escolhi este desenho porque Paula Rego desenha tudo às curvas e os desenhos dela são cheios de rugas, com as caras más e com as caras muito feias. Eu gostei de desenhar ao estilo de Paula Rego.” (Aluna C)



Figura 12- Pintura “Amizade”, aluno D

Amizade

Aluno D, pinta ao estilo de Picasso

“Eu neste desenho simbolizei a amizade com dois amigos a jogarem à bola sem haver pegadas por causa das faltas. Eu desenhei ao estilo de um pintor espanhol que é muito famoso e o seu nome é Pablo Picasso. Os estilos de Picasso eram muitos, mas o que o marcou mais foi o cubismo e eu escolhi também o cubismo para pintar.” (Aluno D)



Figura 13- Pintura “Obediência”, aluno E

Obediência

Aluno E, pinta ao estilo de Joan Miró

“Este desenho representa o valor da obediência. Está nele representado um bicho bastante esquisito, esse é o pai. Tem orelhas compridas, apenas um olho e a língua de fora. O seu olho é cor de rosa, a sua língua e os seus lábios são verdes e as suas orelhas são cor de rosa claras e azuis escuras. Tem um braço que se solta perto da orelha, é verde e em um bico azul na vertical. Tem outro braço verde que também tem um bico azul mas está a sair do corpo. O seu corpo é de cor amarela. Ele tem as orelhas levantadas e isso significa que está a chamar o filho. Por baixo do braço que sai do corpo está um pequeno carrinho de bebé amarelo e um pouco largo. Tem duas rodas e uma fita. Tentei desenhar ao estilo de Miró que é um artista muito conhecido, tem um estilo próprio e muito engraçado. Gosto do estilo de Miró.” (Aluno E)



Figura 14- Pintura “Alegria”, aluno F

Alegria

Aluno F, pinta ao estilo de Joan Miró

“Escolhi este tema e este artista porque a forma desenhar é muito engraçada e também muito interessante. Ele é um pintor espanhol e era amigo de Picasso. O tema que eu escolhi foi a alegria e sabem porquê? Porque as imagens desenhadas têm linhas rectas, curvas, onduladas e outras mais, mas também tem corações, foi isso que eu desenhei. Eu quero representar duas pessoas alegres a dançar. Essas duas pessoas têm duas pernas, dois braços, um olho preto e outro cor de rosa com uma pinta preta, uma boca cor de rosa, duas mãos com três dedos, dois pés cor de rosa, o corpo em forma de coração vermelho e um fundo azul do céu.” (Aluno F)



Figura 15- Pintura “Calma”, aluno G

Calma

Aluno G, pinta ao estilo de Flor Gomes

“Eu no meu desenho representei uma flor calma. No jardim onde ela está situada o fundo é verde escuro. Eu escolhi este desenho porque era o mais bonito que eu tinha desenhado entre todos os artistas e também porque era o estilo de Flor Gomes. Eu neste desenho representei a calma e eu quis inspirar-me e dizer que a flor estava com alma no jardim. A artista Flor gomes tem actualmente 42 anos. Eu estou muito contente por ter feito este trabalho.”
(Aluno G)



Figura 16- Pintura “Calma”, aluno H

Calma

Aluno H, pinta ao estilo de Flor Gomes

“E no meu desenho desenhei um peixe cor de laranja, algas verdes, duas estrelas do mar, um ouriço preto do mar e areia com pedrinhas no fundo. No meu desenho o peixe está a nadar com calma no fundo do mar onde está com os seus amigos. Neste desenho representei o tema da calma. Baseei-me na natureza porque o pintor que eu escolhi baseava-se muito na natureza. O pintor que eu trabalhei chama-se Maria Flor Correia Gomes que tem actualmente 42 anos de vida e já começou a expor as suas obras desde o ano de 2000. O título do meu quadro é: O fundo do mar é calmo.” (Aluno H)



Figura 17- Pintura “União entre os povos”, aluno I

União entre os povos

Aluno I, pinta ao estilo de Picasso

“ No meu desenho representei o valor da união entre os povos. Para tal desenhei um pessoa metade branca e metade castanha e também umas formas que caracterizam o cubismo. O seu significado é que existem pessoas diferentes por fora mas iguais por dentro. Escolhi-o porque achei que era o mais interessante daqueles todos que eu desenhei.” (Aluno I)



Figura 18- Pintura “Amor”, aluno J

Amor

Aluno J, pinta ao estilo de Joan Miró

“Esta seta espetada no coração representa o amor. Eu escolhi este desenho porque Joan Miró desenha assim mais para o desenho animado.” (Aluno J)



Figura 19- Pintura "Solidariedade", aluno L

Solidariedade

Aluno L, pinta ao estilo de Picasso

"Este desenho representa a solidariedade, a figura mostra como devemos ser para as pessoas e principalmente para os idosos. No desenho está uma senhora idosa, já com a bengala na mão com uma menina jovem a ajudá-la a andar. Este desenho está ao estilo de Picasso, é um pintor famoso, espanhol e uma das fases dele é o cubismo, o que eu fiz. Escolhi este desenho porque representa a solidariedade. A imagem situa-se num grande jardim, apenas com relva e céu, ele é assim porque a única coisa que queria mostrar é a solidariedade. A cabeça da senhora idosa tem a forma de um quadrilátero e os seus olhos também. O cabelo da jovem tem um penteado esquisito e a camisola dela tem um trovão, significa que devemos ser solidários e ajudar os outros. As pernas da idosa dizem logo que ela estava muito mal. O cabelo dela é aos quadrados. As camisolas delas têm folhos e os narizes são apenas linhas ligadas" (Aluno L)



Figura 20- Pintura “Paz”, aluno M

Paz

Aluno M, pinta ao estilo de Paula Rego

“Ao fazer os desenhos, o artista que menos gostei de ilustrar foi Paula Rego. Tendo em conta isso, não sei como escolhi um desenho que fiz ao estilo dela. Escolhi algo que fosse bonito, mas não muito difícil de pintar na tela. A Paz foi o tema que eu escolhi, desenhei um anjo gordo pintado com cores claras e escuras. Paula Rego, ao desenhar, faz muitas linhas e pormenores. Usa cores escuras.” (Aluno M)



Figura 21- Pintura “Fraternidade”, aluno N

Fraternidade

Aluno N, pinta ao estilo de José de Guimarães

“Eu seleccionei o trabalho de José de Guimarães, porque achei o mais interessante. Outro motivo foi que era um pintor português. Também porque a pintura de José de Guimarães mostra que os membros são muito importantes. Na fraternidade desenhei duas mãos de diferentes meninos na cor.” (Aluno N)



Figura 22- Pintura “Solidariedade”, aluno O

Solidariedade

Aluno O, pinta ao estilo de Picasso

“Escolhi este desenho porque me inspirei muito no estilo de Picasso. É um abraço que significa a solidariedade. É também engraçado porque foi o primeiro desenho que fiz entre todos os pintores portugueses e espanhóis e foi o que para mim ficou melhor entre os outros dezanove que tinha feito. Picasso era um pintor espanhol e o criador do cubismo. Eu não sei como consegui desenhar uma obra destas, parece mesmo que foi ele que fez!, Estou muito contente. A minha professora que também era desses cinco pintores dizia que estava muito original. Adorei fazer este trabalho e ficou excelente.”(Aluno O)



Figura 23- Pintura “União”, aluno P

União

Aluno P, pinta ao estilo de José de Guimarães

“Este desenho representa a união ao estilo de José de Guimarães. Eu escolhi este tema, porque a união faz a força e deve haver união no mundo. Nós devemos estar unidos sempre porque se não estivermos, quem nos quer fazer mal consegue.” (Aluno P)



Figura 24- Pintura “Paz”, aluno Q

Paz

Aluno Q, pinta ao estilo de Paula Rego

“As asas da raposa, representam a paz, porque a raposa na terra poderia ter sido santa. As bolas pretas são a chuva. O azul é o céu limpo. A nuvem é a casa dela. Este desenho está feito ao estilo de Paula Rego. O estilo dela é fazer as pessoas um bocado assustadoras e circulares. Este desenho representa a paz” (Aluno Q)



Figura 25- Pintura “Amor”, aluno R

Amor

Aluno R, pinta ao estilo de Joan Miró

“O meu desenho é muito bonito, representa o amor e o artista que escolhi foi Joan Miró. Joan Miró é um pintor espanhol e inteligente. Eu fiz um desenho representando o estilo dele. O desenho tem duas setas, uma no lado direito e outra à esquerda e um coração vermelho. Miró fazia muitos quadros grandes e pequenos e pintava muito bem. Também fazia muitos riscos.” (Aluno R)



Figura 26- Pintura “Respeito”, aluno S

Respeito

Aluno S, pinta ao estilo de Joan Miró

“Este desenho representa o respeito em palco. Mais propriamente o respeito para com os actores e actrizes. Também mostra que os actores se devem respeitar. A sensação que eu quis transmitir é que a imagem representa um bailado com figuras muito opostas ligadas entre si. Por exemplo o sol junto com uma estrela. As fitas entrelaçadas em forma de um coração simboliza o respeito entre os actores presentes na peça. O pássaro e o coração foram colocados no desenho para contrastar com o trovão e a cobra. O fundo colorido serve para representar mais o artista que desenhei que se chama Joan Miró. Fi-lo porque ele usa muitas cores. Os bonecos foram inspirados no quadro “a bailarina” do artista Joan Miró que me serviu de inspiração para fazer todo este desenho.” (Aluno S)



Figura 27- Pintura “Ajudar”, aluno T com NEE

Ajudar

Aluno T – *aluno portador de paralisia cerebral, não escreve nem fala, mas revelou expressões faciais de alegria e empenho.*

O aluno T, frequenta o Ensino Especial e só acompanha a turma nas aulas de Educação Visual e Tecnológica, Área de Projecto e Formação Cívica. É um aluno muito interessado e participativo nas actividades da turma e a turma aceita-o muito bem.

Realizou a sua pintura com a ajuda de uma tarefeira que o acompanha em todas as actividades da escola uma vez que é uma criança dependente.

Sempre que se faz um trabalho de pintura com o Ricardo, há sempre um grande número de perguntas que se fazem, todas de resposta sim ou não,

porque ele responde com o movimento da cabeça. Estas perguntas, são sempre colocadas depois da apresentação geral à turma, pois o Ricardo quer sempre fazer tudo o que os colegas fazem, não gosta de fazer trabalhos com técnicas diferentes dos amigos.

Então foram colocadas as seguintes perguntas ao Ricardo:

- Queres pintar um quadro?
- Que valor queres representar? (disse-lhe uma lista de valores e quando eu disse “ajudar”, ele com a cabeça gesticulou que sim)
- Como queres representar a palavra “ajudar”?
- Com as tuas mãos?
- Só queres desenhar as tuas mãos?
- Queres desenhar a mãe?
- Queres desenhar um animal?
- Queres desenhar um coração?
- Que cores queres usar? (disse-lhe os nomes das cores e ele com a cabeça gesticulava até decidir as cores a usar.)

Depois de combinar tudo o que ele queria, com a ajuda da tarefaira o Ricardo pintou.



Figura 28- Pintura “União”, aluno U

União

Aluno U, pinta ao estilo de José de Guimarães

“O meu desenho é ao estilo de José de Guimarães e representa a união. Escolhi este desenho porque não o achei muito complicado de desenhar e também porque apesar de gostar do artista, gostei muito do meu desenho, achei que estava interessante. Gostei também do pormenor de nas suas obras colocar um número. Agora vou explicar o que significa cada elemento da pintura: as mãos dadas que dizer que estas pessoas estão unidas e que enfrentam o que for necessário para continuarem unidas, tudo o resto era apenas decoração e os números dois é porque o José de Guimarães usa números.” (Aluno U)



Figura 29- Pintura “Alegria”, aluno V

11

Alegria

Aluno V, pinta ao estilo de Joan Miró

“O meu desenho é do estilo de Joan Miró que é um pintor espanhol que tem muita inspiração nos seus trabalhos. O meu desenho é sobre o valor da alegria que é um valor importante porque é como se fosse a amizade., porque se as pessoas estão alegres são mais amigas. O meu desenho é numa praia muito quente com um mar forte, com ondas altas e três pessoas alegres a dançar ao ritmo das ondas. Eu estive muito empenhado neste trabalho e gostei muito de fazer este desenho.” (Aluno V)



Figura 30- Pintura “Amor”, aluno X

Amor

Aluno X, pinta ao estilo de Paula Rego

“O meu desenho é o cupido que representa o amor. Eu desenhei ao estilo de Paula Rego. Inspirei-me nas pessoas gordas apesar de não ter conseguido representar isso muito bem. Desenhei um boné, uns óculos e uns dentes para dar mais piada ao trabalho. O cupido representa o amor juntamente com os corações. O arco e a flecha representam quando o cupido lança o amor. As cuecas e a faixa são acessórios habituais do cupido. Acho que ficou engraçado.” (Aluno X)

4.3. Tela pintada pelos professores com desenhos dos alunos



Figura 31- Pintura “Todos Unidos”, professores do Conselho de turma

Todos Unidos

Pintura do Conselho de Turma

Esta tela representa a união entre todos os membros envolvidos no projecto “Pintar a Cidadania”.

As figuras representadas foram passadas para a tela por mim, mas numa fase anterior estas imagens foram seleccionadas com a ajuda dos alunos entre as dezenas de desenhos realizados por eles.

A selecção das imagens seguiu dois critérios; primeiro tinham de ser cinco desenhos, porque eram cinco artistas; segundo, não se podia repetir o estilo de um artista.

A tela estava colocada na sala de Educação Visual e Tecnológica da turma e os professores do Conselho de turma foram todos convidados a passar nesta sala nos seus tempos livres para pintar.

Todos os professores aderiram, excepto dois que disseram insistentemente que não sabiam e não queriam pintar.

Os alunos acompanharam o desenvolvimento da pintura dos professores porque tinham lá aulas, e teciam comentários do género. “O professor de música tem jeito!”, “ Que giro!!!”, “Tá tão lindo professora!”, “ Não sabia que a professora de Inglês era capaz de pintar.”

4.4. Avaliação

A avaliação deste projecto foi realizada em todo o seu decurso, foi realizada de acordo com as orientações curriculares, destacando a necessidade de recurso a diversos modos e instrumentos de avaliação. A avaliação teve sempre em vista a apreciação da evolução global dos alunos, mantendo como referência as aprendizagens e competências essenciais, que de natureza transversal, quer as que dizem respeito especificamente às diversas áreas e disciplinas. (GESTO IMAGEM, 2004).

De acordo com o programa de Educação Visual e Tecnológica, os alunos foram avaliados sob três aspectos fundamentais, sendo eles: a aplicação dos conhecimentos (conceitos e técnicas), a interiorização de um processo de resolução de problemas e a maneira de comunicar as ideias.

Verifiquei que a literatura revista foi importante para a aplicação do projecto uma vez que serviu para me preparar de forma segura, abastecendo-me de conhecimento científico para trabalhar com os alunos. Considero que os resultados obtidos vêm confirmar todas as teorias de que as crianças, quando motivadas e envolvidas em projectos, nos surpreendem com dedicação e conseguem aprender conceitos e vivê-los através da Arte.

“A imagem é o instrumento de informação, o reservatório de conhecimentos, saber ou pré saber, documento ou pré documento, facto de motivação, discurso, ensinamento e saber ilustrados, meio de ilustração da aula, do discurso e do saber, utensílio de memorização e de observação do

real.” (DUBORGEL, 1992, p.186). Para este autor os olhos das crianças e dos homens têm necessidade de imagens, é através das imagens que se desenvolve o imaginário e que este dá origem a novas imagens.

Alguns Encarregados de Educação quiseram dar o seu testemunho do que vivenciaram e presenciaram dos seus educandos, tendo sido, para mim e para a consolidação deste estudo, muito importantes. Eles consideraram, no geral, um projecto importante e gratificante para todos. Seguem-se alguns parágrafos das suas avaliações, podendo ler-se os textos completos em (ANEXOIII)

“A partir do momento em que foi proposto, aos alunos, pintarem os “valores” aprendidos ao estilo dos artistas abordados, foi a grande surpresa... Foi trabalhoso, a minha filha pesquisou os pintores, viu os traços utilizados e as cores usados por cada um deles além do tempo dispendido para pintar, mas ao mesmo tempo mostrou-me uma faceta que eu não conhecia; a facilidade com que ela transponha para o papel aqueles “valores” propostos ao estilo de cada pintor, com uma facilidade como se, previamente, alguém lhe tivesse dito o que deveria fazer. A minha filha ganhou com o projecto, eu ganhei, pois o entusiasmo foi contagiante, e suponho que toda a turma também ganhou.”

“Na minha opinião foi ideia brilhante da parte da professora, pois os alunos tiveram a oportunidade de abordar temas relativos à cidadania de uma forma criativa e inovadora, com uma abordagem completamente diferente da usual - menos rotineira e mais motivadora. Os alunos tiveram a oportunidade de conhecer e explorar obras dos artistas escolhidos, integrando saberes e relacionando os valores como a cidadania, civismo, arte e estética. Os artistas escolhidos foram Picasso, Paula Rego, Miró, José de Guimarães e Flor Gomes. Os temas foram os mais diversos, desde Solidariedade, Amizade, Respeito, Tolerância, União, entre outros.”

“Logo pela altura do planeamento, consegui perceber o envolvimento e dedicação da Inês e a sua curiosidade tornou-a ávida de conhecimentos. As questões deambulavam entre: como? Quando? O que vou fazer? Um fervilhar de ideias e de objectivos ainda não muito bem definidos. E aqui considero que foi, provavelmente, a fase mais

interessante do projecto. Coube à Professora. Flor Gomes transportar para as emoções e para os sentimentos dos nossos filhos a definição de cidadania e todas as formas que ela pode assumir. E falamos aqui de deveres e direitos humanos, liberdades e garantias. A Inês teve a oportunidade de falar e ouvir falar de valores humanos, o que são, o que representam, o quanto vincam a nossa personalidade e formação cívica ao longo da vida, e como eles podem ser percebidos/entendidos de maneiras diferentes por indivíduos diferentes. É inquestionável a importância desta matéria nos dias que correm e todos nós sabemos porquê. A fase de execução/implementação do projecto (elaboração dos trabalhos) revestiu-se de um cariz mais calmo, sereno mas não menos interessante e difícil. “Oh Mãe, como é que vou desenhar a “Obediência”? Pois, nem eu sabia, nem sei. Esta fase obrigou os alunos a um esforço contínuo, a uma exteriorização dos seus próprios conceitos teóricos acerca dos valores que têm para representações gráficas, o que não é de todo um exercício fácil.”

“Para mim o projecto “Pintar a cidadania”, foi sem dúvida alguma uma experiência fantástica na vida da minha filha, e também na minha. É com muito orgulho que falo desta exposição, onde os valores da cidadania falaram muito alto. A audácia destes jovens em tentarem pintar ao estilo de grandes artistas, sabendo que isso era um grande risco, superou todas as minhas expectativas. Desejo apenas que projectos destes estejam sempre presentes na vida dos nossos filhos, e que tenham a sorte de ter pessoas maravilhosas junto deles para que os possam ajudar a tornar o nosso Mundo melhor. Espero que todos os Pais tenham muito orgulho nas obras de arte que os seus filhos realizaram, e que lhes conceda um lugar de honra dentro da casa de cada um, como eu fiz com o da minha filha.”

“Relativamente à exposição Pintar a Cidadania, na minha opinião, foi uma iniciativa única e benéfica, com um conteúdo enriquecedor para os alunos do quinto ano. Os trabalhos estavam magníficos, a criatividade de cada um deles transmitem a sinceridade e beleza que cada aluno sentiu ao pegar na tela e pincel. Este projecto teve muita importância na vida das crianças, isso viu-se estampada nas carinhas deles nos dias das exposições em Viana e Ponte de Lima. Espero que a professora Flor não desista de levar este e outros projectos para outras escolas, porque é importante na nossa sociedade valorizar a interligação escola/família.”

5. CONCLUSÃO

Vários estudos demonstram que a Educação Artística, desenvolve competências que permitem complementar as pertinentes competências tecnológicas e científicas, tais como a imaginação, a criatividade e a capacidade inventiva e de reflexão crítica. Numa sociedade cada vez mais pluralista, os artistas estão cada vez mais interessados em explorar a percepção e a acção imaginativa do espectador, propondo cada vez mais possibilidades de leitura das suas acções e produções. Acreditando nestes estudos, considero que é através de actividades artísticas nas escolas, em conjunto com as outras disciplinas que poderemos formar cidadãos competentes, instruídos, criativos, flexíveis e inovadores.

Com este projecto, foi tarefa árdua auxiliar os alunos a produzir leituras críticas das obras dos artistas com as quais trabalharam, Picasso, Miró, Paula Rego, José de Guimarães e Flor Gomes, a fim de com as suas leituras desenvolverem o seu sentido crítico assim como também o seu imaginário. Para este trabalho, recorri várias vezes a outros campos do conhecimento, como o da história, o da estética e o da sociologia, para encontrar argumentos suficientes para esclarecer dúvidas dos alunos e conduzi-los no processo de produção de sentidos para as suas obras.

Propus-me com este estudo, verificar se há vantagens com o ensino da Cidadania através da Arte e tentar responder a questões como: Como melhorar o “Educar para a Cidadania através da Arte”? Que vantagens se encontram com o ensino da Arte através da cidadania?

Os registos efectuados permitiram-me responder às questões da investigação, no entanto, e apesar de não ser condição, de acordo com a natureza do estudo não foi possível fazer um quadro susceptível de generalizações, uma vez que a amostra foi pequena e exclusiva a uma escola. Considero que é um estudo que poderia ser realizado em várias escolas do país, para comparar como reagiam os alunos ao mesmo projecto com culturas e saberes diferentes, mas não havia tempo para ir tão longe, pois seria

necessária uma equipa de professores que concordassem em implementar o projecto nas mesmas condições.

Os objectivos deste projecto foram cumpridos na totalidade, uma vez que os alunos, Encarregados de Educação e professores do Conselho de Turma ficaram sensibilizados para o projecto. Os alunos motivaram-se para a investigação e pesquisa sobre os direitos humanos e valores humanos; construindo textos e trocando conhecimentos no diálogo em sala de aula. Sentiram que representaram os valores, através de histórias de vida e exemplos das suas vivências diárias; e motivaram-se os para a investigação e pesquisa dos cinco artistas nacionais e estrangeiros apresentados.

Considero que este projecto, devido ao envolvimento de tantos intervenientes, foi pluridisciplinar pois foram trabalhados com os alunos vários conceitos de várias disciplinas e interdisciplinar, porque se conseguiu trabalhar os mesmos conteúdos em várias disciplinas, havendo sempre diálogos e comunicação entre professores, o que fez com que se fizessem acertos de interesses comuns, resultando de forma plena.

Inicialmente tive algum receio de implementar o projecto, visto que era uma turma nova que recebi, não conhecendo nem alunos, nem Encarregados de Educação. Por outro lado, tive receio de que os alunos de 10 anos, sem nunca terem tido Educação Visual e Tecnológica, pudessem não ser capazes de corresponder aos objectivos por mim definidos, e tive também receio de não ser apoiada pelo Conselho de Turma. Constatei que, afinal, tudo eram receios desnecessários. Desde o início, todos os intervenientes se disponibilizaram para colaborar com muito entusiasmo e isso deu-me força e coragem para levar o projecto até ao fim, como estava programado de início.

Os alunos do 5º1 sentiram-se felizes com o projecto realizado e sentem-se orgulhosos dizendo que sabem ser “bons cidadãos”. É claro que foi uma turma que ao longo do ano escolar foi elogiada pelo Conselho de Turma em relação ao comportamento e aproveitamento. Os professores referiram que o projecto surtia efeito nestas crianças, que se revelaram diferentes das outras turmas, *“Os alunos apresentaram sempre baixos níveis de ansiedade e bastante descontração no início do ano lectivo, altura em que esses níveis de ansiedade são normalmente altos e que levam a atitudes mais agressividade*

por parte destes, ora isso não se verificou com esta turma. À medida que o projecto se desenvolvia, sentia mais confiança, menos medos e mais atenção/concentração no grupo turma. A disponibilidade para as actividades de aula diária era maior, a informação do espaço de aula era muito facilmente passada pelos professores e apreendida pelos alunos. O facto de os alunos terem este tempo de apoio e ajuda, a funcionar como um espaço de diálogo e de aconselhamento, dava-lhes mais confiança nas suas condutas diárias em espaço escolar.

Apesar de ter muitos aspectos positivos, considero que estes resultados deveriam ser analisados também nos anos seguintes, para verificar se realmente os alunos assimilaram os conteúdos e os vivenciam no dia-a-dia.

Esta colecção de quadros, a pedido dos pais dos alunos e Director da Escola EB2,3 de António Feijó, foram expostos durante o mês de Abril de 2010, na Biblioteca Municipal de Ponte de Lima, a fim de ser visitada por todas as Escolas do Concelho de Ponte de Lima. Depois desta Exposição cada aluno levou para sua casa a sua tela.

A tela pintada pelos professores, ficou no gabinete do Director da Escola EB2,3 de António Feijó.

Este projecto é a mostra do que se realizou numa escola e poderá ser a abertura para a criação do mesmo projecto em instituições que trabalhem com crianças e adolescentes. Poderá sempre ser, também, um ponto de partida para estudos mais aprofundados sobre a aquisição de conceitos e de Arte, tanto em crianças como em adultos.

Notas:

(1)

(ex Presidente da República Portuguesa que exerce actualmente os cargos de Alto Representante da ONU para a Aliança das Civilizações de Enviado Especial do Secretário-Geral da ONU para a Luta Contra a Tuberculose.)

(2)

(A UNESCO é uma organização internacional que tem como objectivo contribuir para a paz, desenvolvimento humano e segurança no mundo, promovendo o pluralismo, conservando a diversidade, promovendo a autonomia, e a participação na sociedade do conhecimento.)

6. BIBLIOGRAFIA

ALMEIDA, C., (2009) - *“Ser Artista ser Professor, razões e paixões do ofício”* – São Paulo: Editora Unesp

ANDRÉ, T., - A Educação Artística na Escola do Século XXI in OLIVEIRA, M., e MILHANO, S., (2010) – *As Artes na Educação, Contextos de Aprendizagem promotores de criatividade* – Folheto, Edições & Design

BARBOSA, A, M (2006) – *Arte/Educação Contemporânea* – S. Paulo: - Cortez

BELL, J – *Como realizar um projecto de investigação* – Lisboa: Gradiva

BODGAN, R & BIKLEN, S. (1991) – *Investigação qualitativa em Educação* – Porto: Porto Editora

BODGAN, R & BIKLEN, S. (1994) – *Investigação qualitativa em Educação. Uma introdução à teoria e aos métodos.* – Porto: Porto Editora

CORREIA, A, & COQUET, E (2009) – *Diálogos com a Arte* – CESC, Universidade do Minho

COX, M. (1995) – *Desenho da criança* – S. Paulo: Martins Fontes Editora Ltda

DUBORGEL, B., (1992) – *Imaginário e Pedagogia* – Instituto Piaget – Lisboa: Horizontes Pedagógicos

EDWARDS, C & GANDINI, L & FORMAN, G (2007) – *As Cem Linguagens da Criança* – Porto Alegre: Artmed

ESEVC – *Revista* – 5º volume - 2004 – Isabel Vale e José Portela

ESTRELA, M. T. e FREIRE, I. (2009) – *Sífilo/ Revista de Ciências Sociais da Educação, nº8, Jan/Abril 09* – ISSN 1646-4990

FALEIRO, A. e GOMES, C. (2004) – *Gesto Imagem* – Porto: Porto Editora

FARIAS, I. & SALES, J. & BRAGA, M. & FRANÇA, M. (2009) – *Didáctica e Docência aprendendo a profissão* – Brasília: Liber Livro

FREINET, C. (1978) – *Pedagogia do bom senso* – Lisboa: Moraes editores

KRAMER, S. (1978) – *A política do pré escolar no Brasil: A arte do disfarce.* – São Paulo: Cultrix

LÚCIO, Á.L. (2008) – *Educação, Arte e Cidadania* – Paredes: Temas &Lemas

LUDKE, M. e ANDRÉ, M. (1986). - *Pesquisa em Educação: Abordagens qualitativas.* – São Paulo: Ed. Pedagógica e Universitária

MARQUES, R (2008) – *A Cidadania na Escola* – Lisboa: Livros Horizonte

MARQUES, R (2002) – *O Director de Turma e a Relação Educativa* – Lisboa: Editorial Presença

MOURA, A. & FERNANDES, C. (9) – *Revista Expressão* – UFSM – Ano 9 nº2 Julho/Dezembro

OLIVEIRA, M. do C.D. – *Imagens do inferno: lugares da memória, palavras de Dante* - Arquitextos. 021.03 ano 02, fev.2002

OLIVEIRA, M. do C.D. – *Pedagogia visual e Educação da memória* – Arquitextos. 057.07 ano 05, fev. 2005

OLIVEIRA, M,O (2007) – *Arte, Educação e Cultura* – Lisboa: Editoraufsm

PAIXÃO, ML (2000) – *Educar para a Cidadania* – Lisboa: Lisboa Editora

ROBINSON, K (2010) – *O Elemento* – Porto: Porto Editora

RODRIGUES, J. (2010) – *Bento, pela música, pela oração* – Edição de Autor

SÁ-CHAVES, I (1997) – *Percursos de Formação e Desenvolvimento Profissional* – Porto: Porto Editora, Lda

SOARES, S. – Ensaio de escre(vi)ver: manufatura de afectos no curso dos dias, in OLIVEIRA, M. e MILHANO, S (2010)– *As Artes na Educação, Contextos de Aprendizagem promotores de criatividade – Folheto, Edições & Design*

SOUSA, A.B. (2003) – *Educação pela Arte e Artes na Educação* – Instituto Piaget, Lisboa: Horizontes Pedagógicos

TIBA, I. (2002)) – *Quem ama Educa* – Lisboa: Pergaminho

TISSERON, S. (2004) – *As crianças e a violência nos ecrãs, a influência da televisão, cinema e jogos de computador nas crianças.* – Porto: Ambar

SITES:

www.rieoei.org/jano/2145Ravena.pdf

<http://www.sampaonline.com.br>

<http://4pilares.net/text-cont/delors-pilares.htm>

<http://www.educacao.te.pt/professores/index.jsp?p=176&idPrograma=7>

http://www.dgidc.minedu.pt/basico/Paginas/Programas_OrientacoesCurriculares_2EVT.aspx

www.ceac.pt

LEGISLAÇÃO:

Despacho nº 12 591/2006, de 16 de Junho. (2006). Obtido em 9 de Fevereiro, de DGIDC:<http://sitio.dgidc.min-edu.pt/recursos/Lists/Repositrio%20Recursos2/Attachments/390/desp12591-06.pdf>

Lei nº 46/86 de 14 de Outubro. (1986)

<http://sitio.dgidc.min-edu.pt/secundario/documents/lei4686.pdf>

7. ANEXOS

ANEXO 0: POSTER DA UNICEF, “CONHECE OS TEUS DIREITOS”



Sabias que as Nações Unidas aprovaram uma lei chamada *Convenção sobre os Direitos da Criança* que Portugal ratificou em 21 de Setembro de 1990?

A *Convenção sobre os Direitos da Criança* tem 54 Artigos que explicam cada um dos teus direitos. Mas, tu também tens responsabilidades para com as outras crianças e para com os adultos para que também eles gozem dos seus direitos.

Artigo 1 Todas as pessoas com menos de 18 anos têm todos os direitos escritos nesta Convenção.

Artigo 2 Tens todos esses direitos seja qual for a tua raça, sexo, língua ou religião. Não importa o país onde nasceste, se tens alguma deficiência, se és rico ou pobre.

Artigo 3 Quando um adulto tem qualquer laço familiar, ou responsabilidade sobre uma criança, deverá fazer o que for melhor para ela.

Artigo 6 Toda a gente deve reconhecer que tens direito à vida.

Artigo 7 Tens direito a um nome e a ser registado, quer dizer, o teu nome, o dos teus pais e a data em que nasceste devem ser registados. Tens direito a uma nacionalidade e o direito de conheceres e seres educado pelos teus pais.

Artigo 9 Não deves ser separado dos teus pais, excepto se for para o teu próprio bem, como por exemplo, no caso dos teus pais te maltratarem ou não cuidarem de ti. Se decidirem separar-se, tens de ficar a viver com um deles, mas tens o direito de contactar facilmente com os dois.

Artigo 10 Se tu e os teus pais viverem em países diferentes, tens direito a regressar e viver junto deles.

Artigo 11 Não deves ser raptado mas, se tal acontecer, o governo deve fazer tudo o que for possível para te libertar.

Artigo 12 Quando os adultos tomam qualquer decisão que possa afectar a tua vida, tens direito a dar a tua opinião e os adultos devem ouvir seriamente o que tens a dizer.

Artigo 13 Tens direito a descobrir coisas e dizer o que pensas através da fala, da escrita, da expressão artística, etc., excepto se, ao fazê-lo, estiveres a interferir com os direitos dos outros.

Artigo 14 Tens direito à liberdade de pensamento e a praticar a religião que quiseres. Os teus pais devem ajudá-te a compreender o que está certo e o que está errado.

Artigo 15 Tens direito a reunir-te com outras pessoas e a criar grupos ou associações, desde que não violes os direitos dos outros.

Artigo 16 Tens direito à privacidade. Podes ter coisas como, por exemplo, um diário que mais ninguém tem licença para ler.

Artigo 17 Tens direito a ser informado sobre o que se passa no mundo através da rádio, dos jornais, da televisão, de livros, etc. Os adultos devem ter a preocupação de que compreendes a informação que recebes.

Artigo 18 Os teus pais devem educar-te, procurando fazer o que é melhor para ti.

Artigo 19 Ninguém deve exercer sobre ti qualquer espécie de maus tratos. Os adultos devem protegê-te contra abusos, violência e negligência. Mesmo os teus pais, não têm direito de te maltratar.

Artigo 20 Se não tiveres pais, ou se não for seguro que vivas com eles, tens direito a protecção e ajuda especiais.

Artigo 21 Caso tenhas de ser adoptado, os adultos devem procurar ter o máximo de garantias de que tudo é feito da melhor maneira para ti.

Artigo 22 Se fores refugiado (se tiveres de abandonar o teu país por razões de segurança), tens direito a protecção e ajuda especiais.

Artigo 23 No caso de seres deficiente, tens direito a cuidados e educação especiais, que te ajudem a crescer do mesmo modo que as outras crianças.

Artigo 24 Tens direito à saúde. Quer dizer que, se estiveres doente, deves ter acesso a cuidados médicos e medicamentos. Os adultos devem fazer tudo para evitar que as crianças adoçam, dando-lhes uma alimentação conveniente e cuidando bem delas.

Artigo 27 Tens direito a um nível de vida digno. Quer dizer que os teus pais devem procurar que não te falte comida, roupa, casa, etc. Se os pais não tiverem meios suficientes para estas despesas, o governo deve ajudar.

Artigo 28 Tens direito à educação. O ensino básico deve ser gratuito e não deves deixar de ir à escola. Também deves ter possibilidade de frequentar o ensino secundário.

Artigo 29 A educação tem como objectivo desenvolver a tua personalidade, talentos e aptidões mentais e físicas. A educação deve, também, preparar-te para seres um cidadão informado, autónomo, responsável, tolerante e respeitador dos direitos dos outros.

Artigo 30 Se pertenceres a uma minoria, tens o direito de viver de acordo com a tua cultura, praticar a tua religião e falar a tua própria língua.

Artigo 31 Tens direito a brincar.

Artigo 32 Tens direito a protecção contra a exploração económica, ou seja, não deves trabalhar em condições ou locais que ponham em risco a tua saúde ou a tua educação. A lei portuguesa diz que nenhuma criança com menos de 16 anos deve estar empregada.

Artigo 33 Tens direito a ser protegido contra o consumo e tráfico de drogas.

Artigo 34 Tens o direito de ser protegido contra abusos sexuais. Quer dizer que ninguém pode fazer nada ao teu corpo como, por exemplo, tocar-te, tirar-te fotografias contra a tua vontade ou obrigá-te a dizer ou fazer coisas que não queres.

Artigo 35 Ninguém te pode raptar ou vender.

Artigo 37 Não deverás ser preso, excepto como medida de último recurso, e, nesse caso, tens direito a cuidados próprios para a tua idade e visitas regulares da tua família.

Artigo 38 Tens direito a protecção em situação de guerra.

Artigo 39 Uma criança vítima de maus tratos ou negligência, numa guerra ou em qualquer outra circunstância, tem direito a protecção e cuidados especiais.

Artigo 40 Se fores acusado de ter cometido algum crime, tens direito a defender-te. No tribunal, a polícia, os advogados e os juizes devem tratar-te com respeito e procurar que compreendas o que se está a passar contigo.

Artigo 42 Todos os adultos e crianças devem conhecer esta Convenção. Tens direito a compreender os teus direitos e os adultos também.

Para saberes mais, visita www.unicef.pt ou envia um e-mail para info@unicef.pt



ANEXO I: PEDIDO DE AUTORIZAÇÃO AOS ENCARREGADOS DE EDUCAÇÃO PARA PUBLICAÇÃO DE FOTOGRAFIAS DOS ALUNOS

Exmo Sr. Encarregados de Educação
do 5º ano, turma 1
da Escola EB2,3 de António Feijó

No âmbito de um projecto internacional da Directora de Turma, Flor Gomes inserido no seu trabalho de mestrado em Educação Artística, venho por este meio solicitar autorização para publicar fotografias do seu educando e dos seus trabalhos. Trata-se de um desafio, pois por um lado a professora já estava envolvida neste tema, no seu contexto escolar e por outro lado permitir-lhe-á realizar no futuro, intercâmbio de investigação dos seus alunos e da professora, com colegas de Londres.

Grato pela atenção dispensada,

Com os melhores cumprimentos,

O Director

(José António Silva)

AUTORIZAÇÃO

Eu,

Encarregado (a) de Educação do aluno (a) _____, nº _____ da
turma _____, venho por este meio **autorizar / não autorizar** (riscar o que não
interessa) a publicação de fotografias e trabalhos do meu Educando (a).

O Encarregado de Educação

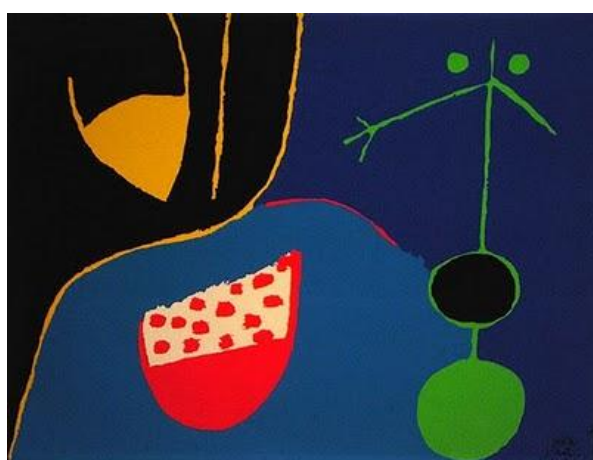
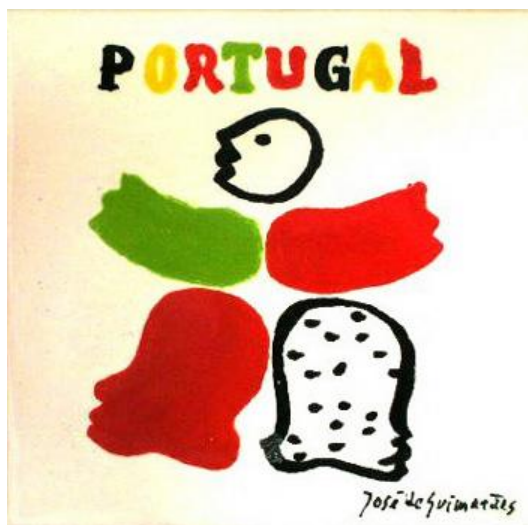
ANEXO II: IMAGENS DOS ARTISTAS NACIONAIS E INTERNACIONAIS APRESENTADAS AOS ALUNOS, PARA CONHECIMENTO E INSPIRAÇÃO AO SEU TRABALHO:

OBRAS DE FLOR GOMES

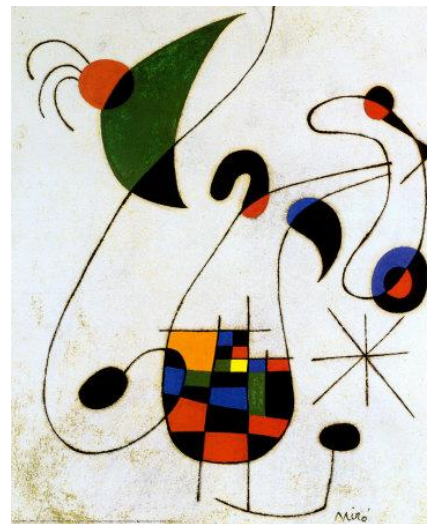




OBRAS DE JOSÉ DE GUIMARÃES



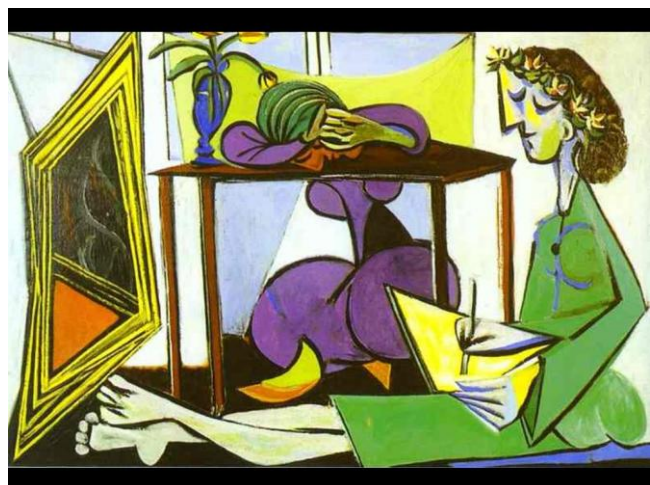
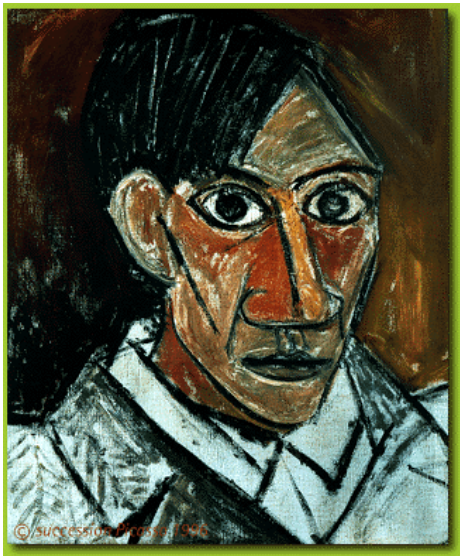
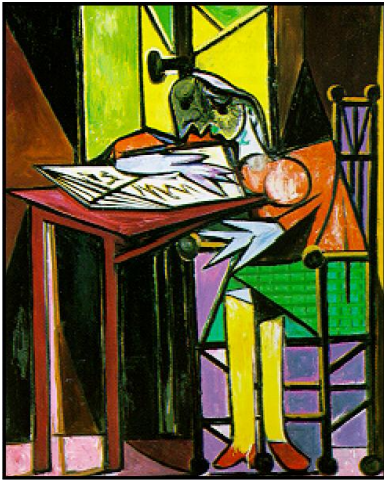
OBRAS DE JOAN MIRÓ



OBRAS DE PAULA REGO



OBRAS DE PICASSO



ANEXO III: OPINIÕES DE ALGUNS ENCARREGADOS DE EDUCAÇÃO SOBRE O PROJECTO

“No início do ano lectivo, 2009/10, a professora Flor Gomes, directora da turma do 5º1, da qual faz parte a minha filha, pediu aos pais a colaboração para um projecto chamado “Pintar a Cidadania”. Reconheço, que no início, não fiz qualquer esforço para entender o que a professora pretendia com projecto.

Á medida que o trabalho foi avançando compreendi que ao mesmo tempo que a turma foi trabalhando “valores”, como a união entre os povos, a amizade, o amor, a paz, a tolerância entre outros, também abordaram trabalhos de cinco pintores contemporâneos (Picasso, Miró, José de Guimarães, Paula Rego e Flor Gomes) com o intuito de conhecerem as suas técnicas, os seus traços e as cores utilizadas.

A partir do momento em que foi proposto, aos alunos, pintarem os “valores” aprendidos ao estilo dos artistas abordados, foi a grande surpresa... Foi trabalhoso, a minha filha pesquisou os pintores, viu os traços utilizados e as cores usados por cada um deles além do tempo dispendido para pintar, mas ao mesmo tempo mostrou-me uma faceta que eu não conhecia; a facilidade com que ela transponha para o papel aqueles “valores” propostos ao estilo de cada pintor, com uma facilidade como se, previamente, alguém lhe tivesse dito o que deveria fazer.

A minha filha ganhou com o projecto, eu ganhei, pois o entusiasmo foi contagiante, e suponho que toda a turma também ganhou.

Um bem-haja para a professora Flor Gomes e que continue com projectos tão enriquecedores como o “Pintar a Cidadania.”

(Mãe 1)

“O projecto foi-nos apresentado no dia de recepção dos alunos e mais tarde tivemos uma reunião onde a professora Flor nos informou de todos os pormenores da iniciativa.

Na minha opinião foi ideia brilhante da parte da professora, pois os alunos tiveram a oportunidade de abordar temas relativos à cidadania de uma forma criativa e inovadora, com uma abordagem completamente diferente da usual - menos rotineira e mais motivadora.

Os alunos tiveram a oportunidade de conhecer e explorar obras dos artistas escolhidos, integrando saberes e relacionando os valores como a cidadania, civismo, arte e estética.

Os artistas escolhidos foram Picasso, Paula Rego, Miró, José de Guimarães e Flor Gomes. Os temas foram os mais diversos, desde Solidariedade, Amizade, Respeito, Tolerância, União, entre outros.

Todas as semanas era proposto um artista diferente e aos alunos coube-lhes a tarefa de elaborar um rascunho com quatro temas relativos à cidadania.

O entusiasmo da Raquel era impressionante. Pesquisar sobre os traços principais de cada artista, as cores que mais utiliza e depois conseguir passar tudo para os desenhos respeitando os temas propostos com os elementos característicos de cada artista, era sempre uma sensação de realização.

Logo que os rascunhos dos cinco artistas ficaram feitos, os alunos iniciaram a pintura de uma tela com o desenho escolhido.

Finalmente chegou o dia da inauguração da exposição, a Raquel sentia-se uma verdadeira artista e orgulhosa de todas as horas que passou com concretização do projecto.

Nós, os pais, sentíamos-nos felizes com o trabalho dos nossos filhos e gratos à professora pelo trabalho que desenvolveu e o tempo que disponibilizou para a realização deste projecto.

O dia a inauguração foi um dia de festa e convívio, onde os pais para além de poderem admirar a arte dos seus filhos foram presenteados com uma actuação dos mesmo e do grupo Zés Pumbas e Cabeçudos (outro bom exemplo daquilo que os professores podem fazer com e pelos seus alunos).

Com esta iniciativa a professora abordou temas fundamentais para a vivência em sociedade de forma lúdica e criativa, conseguindo um bom exemplo de Escola Integrada com a colaboração da Escola, Pais e Comunidade.

O meu muito obrigada,”

(Mãe 2)

“Oh Mãe, o que é a Cidadania?”

Ena, ... resposta difícil de se conseguir assim num abrir e fechar de olhos.

“Inês, a cidadania é a faculdade do ser humano viver em sociedade como cidadão o que implica estar sujeito a direitos, deveres e respeito pelo Outro”.

Esta poderá ser uma de muitas respostas possíveis à pergunta da minha filha Inês, contudo, melhor que uma definição técnica, foi o que fez a Prof. Flor Gomes quando teve a ideia de transportar para a realidade das crianças esse conceito de “Cidadania” forçando-as a reflectir sobre ele.

Foi um projecto que, do meu ponto de vista, só reuniu aspectos positivos logo desde o início.

Logo pela altura do planeamento, consegui perceber o envolvimento e dedicação da Inês e a sua curiosidade tornou-a ávida de conhecimentos. As questões deambulavam entre: como? Quando? O que vou fazer? Um fervilhar de ideias e de objectivos ainda não muito bem definidos. E aqui considero que foi, provavelmente, a fase mais interessante do projecto. Coube à Prof. Flor Gomes transportar para as emoções e para

os sentimentos dos nossos filhos a definição de cidadania e todas as formas que ela pode assumir. E falamos aqui de deveres e direitos humanos, liberdades e garantias. A Inês teve a oportunidade de falar e ouvir falar de valores humanos, o que são, o que representam, o quanto vincam a nossa personalidade e formação cívica ao longo da vida, e como eles podem ser percebidos/entendidos de maneiras diferentes por indivíduos diferentes. É inquestionável a importância desta matéria nos dias que correm e todos nós sabemos porquê.

A fase de execução/implementação do projecto (elaboração dos trabalhos) revestiu-se de um cariz mais calmo, sereno mas não menos interessante e difícil. “Oh Mãe, como é que vou desenhar a “Obediência”? Pois, nem eu sabia, nem sei. Esta fase obrigou os alunos a um esforço contínuo, a uma exteriorização dos seus próprios conceitos teóricos acerca dos valores que têm para representações gráficas, o que não é de todo um exercício fácil.

Este projecto também conseguiu desde logo o envolvimento/participação dos Pais e Encarregados de Educação, que por si só constitui um acto de cidadania. Por motivos, mais ou menos nobres, mais ou menos sérios, o certo é que os pais estão cada vez mais afastados da escola. E quando falo em Escola não me quero referir apenas à estrutura física inerente a ela própria, quero referir-me às suas actividades, aos seus projectos, aos seus objectivos...

A exposição final foi o culminar, o reconhecimento, o orgulho de um trabalho bem feito, a sensação do dever cumprido. Uma meta alcançada. Objectivo conseguido.

De suma importância para eles todos, para os professores e para os pais.

*Porque este projecto resultou bem,
porque este projecto contou com profissionais empenhados,
porque este projecto deixou marcas de cidadania nos nossos filhos,
A todos os envolvidos: **Bem hajam!!!***

(Mãe 3)

“Relativamente á exposição Pintar a Cidadania, na minha opinião, foi uma iniciativa única e benéfica, com um conteúdo enriquecedor para os alunos do quinto ano.

Os trabalhos estavam magníficos, a criatividade de cada um deles transmitem a sinceridade e beleza que cada aluno sentiu ao pegar na tela e pincel.

Este projecto teve muita importância na vida das crianças, isso viu-se estampada nas carinhas deles nos dias das exposições em Viana e Ponte de Lima.

Espero que a professora Flor não desista de levar este e outros projectos para outras escolas, porque é importante na nossa sociedade valorizar a interligação escola/família.”

(Mãe 4l)

“Para mim o projecto " Pintar a cidadania", foi sem dúvida alguma uma experiência fantástica na vida da minha filha, e também na minha.

É com muito orgulho que falo desta exposição, onde os valores da cidadania falaram muito alto.

A audácia destes jovens em tentarem pintar ao estilo de grandes artistas, sabendo que isso era um grande risco, superou todas as minhas expectativas.

Conseguiram marcar a diferença na comunidade onde pertencem.

Através desta exposição, e de cada tela pintada pelos nossos filhos, consegui perceber que estas crianças tiveram a noção da responsabilidade que lhes foi imposta, e que têm vontade de aperfeiçoar, aprender e partilhar com os outros.

Toda a exposição em si estava muito bem organizada. Falo desde a escolha dos artistas, passando também pela actuação do grupo "Zés Pereiras e

Cabeçudos", onde se pode verificar mais uma vez que a vontade de aprender fazendo estava presente.

Desejo apenas que projectos destes estejam sempre presentes na vida dos nossos filhos, e que tenham a sorte de ter pessoas maravilhosas junto deles para que os possam ajudar a tornar o nosso Mundo melhor.

Espero que todos os Pais tenham muito orgulho nas obras de arte que os seus filhos realizaram, e que lhes conceda um lugar de honra dentro da casa de cada um, como eu fiz com o da minha filha.

À Prof. Flor, eu desejo tudo de bom, que tenha muito sucesso, e que a vida lhe sorria sempre. Dentro das minhas possibilidades vou tentar acompanhar todas as novidades e projectos que tenha para nos mostrar."

(Mãe 5)

"Com 10, 11 anos de idade, as crianças encaram os outros de forma muito diferente da dos adultos. São mais puros, verdadeiros e com uma sinceridade que a nós adultos, nos compromete.

Discutir o tema da cidadania é extremamente enriquecedor para todos os intervenientes, mas trabalhar o tema com recurso à pintura é ainda mais enriquecedor, quer para o desenvolvimento da consciência cívica quer para o desenvolvimento das capacidades plásticas.

Cumprimentos"

(Mãe 6)

ANEXO IV: OPINIÕES DE ALGUNS PROFESSORES DO CONSELHO DE TURMA SOBRE O PROJECTO

“O Projecto Pintar a Cidadania, pareceu-me, desde o início, muito interessante e inovador. Porém, a concretização do mesmo superou as minhas expectativas pois o produto final foi, sem dúvida, excelente. Os trabalhos dos alunos, de todos os alunos da turma, que eu pude observar expostos na Biblioteca Municipal, revelam sensibilidade, criatividade, domínio de técnicas.

Parabéns à professora Flor e aos alunos do 5º 1”

Professora de História e Geografia de Portugal – professor A1

“Projecto Cidadania

O projecto Cidadania, desenvolvido e aplicado com a turma do quinto ano, turma um, da Escola do Ensino Básico do segundo e terceiro ciclos de António Feijó em Ponte de Lima, na minha opinião aparece na altura em que os alunos mudam de uma escola mais pequena com menos alunos, menos professores e menos auxiliares, para uma escola em que o número de alunos, de professores com quem trabalham e lidam diariamente é muito maior, em que o regulamento interno e as regras implementadas são novas, diferentes e desconhecidas. O projecto desenvolvido, na minha opinião, aparece na altura em que os alunos mais necessitam dele, a fim de poderem esclarecer as suas dúvidas e os seus receios em relação ao novo espaço de aprendizagem.

O projecto apresenta-se como uma necessidade por parte dos alunos, nesta fase da sua vida. Tendo tido o mérito de ter sido muito bem pensado e formulado e depois melhor desenvolvido e aplicado. Teve também o mérito de motivar e juntar alunos e encarregados de educação, num projecto educativo e na escola onde também deve ser o local de aprendizagem de regras de

sociedade, de compromissos e de respeito pelo outro, numa escola que se quer cada vez mais aberta, inclusiva e tolerante.

A avaliação deste projecto, na minha opinião, apresenta-se francamente positiva, quer pelo empenho de todos os agentes envolvidos, quer pelos resultados obtidos. Os alunos apresentaram sempre baixos níveis de ansiedade e bastante descontração no início do ano lectivo, altura em que esses níveis de ansiedade são normalmente altos e que levam a atitudes mais agressividade por parte destes, ora isso não se verificou com esta turma. À medida que o projecto se desenvolvia, sentia mais confiança, menos medos e mais atenção/concentração no grupo turma. A disponibilidade para as actividades de aula diária era maior, a informação do espaço de aula era muito facilmente passada pelos professores e apreendida pelos alunos. O facto de os alunos terem este tempo de apoio e ajuda, a funcionar como um espaço de diálogo e de aconselhamento, dava-lhes mais confiança nas suas condutas diárias em espaço escolar.

Enquanto em outras turmas da mesma escola sentiu-se a necessidade de debater temas como o “Bullying” e a violência em meio escolar devido a alguns comportamentos dos alunos, esta turma funcionava como um grupo forte que se protegia e se respeitava, mais ainda respeitava os outros grupos turma e denunciava situações de incumprimento mais gritante do regulamento interno.

Enquanto pai e educador, quero dar os parabéns à Professora Flor Gomes por todo o projecto pensado e desenvolvido, pela dedicação à causa da educação e por ter ajudado muito os alunos do 5º1 na sua educação e crescimento enquanto cidadãos.

Parabéns!”

Professor de Educação Visual e Tecnológica – professor A2

“No início do ano lectivo foi-me apresentado pela colega Flor Gomes um projecto intitulado Pintar a Cidadania, no qual eu teria que participar uma vez que fui o par pedagógico da professora na Área de Projecto sendo o mesmo trabalhado nesta mesma área no primeiro e segundo período.

Claramente aceitei o desafio e tentei sempre colaborar da melhor forma com a colega assim como com a turma do 5º1. O projecto apresenta-se como uma necessidade por parte dos alunos nesta fase da vida uma vez que todos eles mudaram de uma escola mais pequena com um menor número de alunos para uma escola muito maior, uma realidade muito diferente.

A avaliação que faço deste projecto é claramente positivo, uma vez que o empenho de todos os intervenientes foi bastante entusiástica e os resultados do mesmo foi visível, basta entrar na turma do 5º1 e ver o comportamento destes alunos, sem qualquer agressividade, com grande respeito pelo próximo.

Gostaria de aproveitar para dar os parabéns á Professora e directora de turma Flor Gomes que fez um excelente trabalho com estes alunos quer na educação e crescimento como cidadãos.

Parabéns colega e amiga Flor!”

Professor de Educação Musical – professor A3

“O tema aglutinador “Cidadania”, na turma do 5º ano, foi desenvolvido de uma maneira muito agradável, envolvente e didáctica, pois ajudou os alunos, os professores participantes, nos quais me incluo, e a comunidade, a reflectir sobre certos aspectos importantíssimos da sociedade em que vivemos, tais como a velhice e a deficiência e a responsabilidade de todos e cada um de nós, para com eles.”

Professora de Inglês – professor A4

“Na minha opinião, “Pintar a cidadania”, tema aglutinador do PCT do 5º1, foi uma excelente escolha, visto que há necessidade de fomentar o desenvolvimento da consciência cívica dos alunos, de modo a formar cidadãos responsáveis, críticos, activos e intervenientes na sociedade.

Este projecto proporcionou momentos de aprendizagens transversais como, por exemplo, nos domínios da Língua Portuguesa e novas tecnologias.

Em Língua Portuguesa e Estudo Acompanhado, após terem sido abordados os conceitos dos valores e direitos humanos noutras áreas curriculares não disciplinares, foram realizados poemas natalícios com o objectivo de integrar esses valores. Verificou-se uma grande motivação e empenho na elaboração dos mesmos. Para além desta actividade, foram seleccionados e explorados vários textos onde se pudessem “ler” e discutir os direitos humanos. Houve também a participação/organização na visita solidária ao lar de idosos em conjunto com outros professores da turma.

A Directora de Turma assumiu um papel de liderança e coordenação, impulsionando o trabalho interdisciplinar. O trabalho em equipa culminou com a participação de todos os professores da turma na pintura de uma tela.

Este projecto demonstrou, de uma forma lúdica, a importância das artes, designadamente através da pintura e representação, para toda uma sensibilização/assimilação de valores essenciais à vida em sociedade e combate à violência no meio escolar – Bulling. Os alunos adquiriram alguns saberes que poderão mobilizar para abordar possíveis situações/problemas.

Professora de Língua Portuguesa – professor A5

ANEXO V: IMAGENS CRIADAS PELOS ALUNOS SOBRE A SUA IDENTIDADE







